

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

OLAVO BILAC

Handwritten: Haussprocalype

Handwritten: 29/10/1918
30/10/1918

A DEFESA NACIONAL

(DISCURSOS)



EDIÇÃO DA
Liga da Defesa Nacional
RIO DE JANEIRO

1917

EM MARCHA!

Aos estudantes da Faculdade
de Direito de S. Paulo. 9 de Ou-
tubro de 1915.

Ser-me-ia facil, para agradecer a vossa carinhosa recepção, improvisar algumas phrases de brilho fugaz, que morressem aqui ao nascer, musica sem idéas, futil e amavel cortezia sem fundo e sem echo. Mas quiz dar alguma vida, mais calor e duração ás minhas palavras, e escrevi-as, para que ellas, confiadas agora aos vossos ouvidos e ás vossas almas, possam estender-se a ouvidos distantes e a almas afastadas, a todos os Brasileiros de vossa idade, crescendo, estudando, sonhando, dentro do immenso e inquieto coração do Brazil.

O momento não quer discursos ôcos e retumbantes, sonoridades entontecedoras, rolando na esterilidade do vacuo. O que se exige agora é a simplicidade de idéas fortes em palavras claras, que, na sua dura tristeza, tenham, com a revolta, um estimulo para a esperanza, para a crença e para o heroismo. Não podeis, talvez, perceber com perfeita consciencia a gravidade da nossa situação moral. Viveis numa rica metropole, entre o sorriso e a gala da vida culta; e não podeis entrever o cháos, a confusão e os perigos que enchem toda a nossa maravilhosa e inconsistente Patria. Na juventude, tudo é graça e facilidade, espontanei-

dade e embevecimento: uma pureza natural, que do intimo se transborda para o exterior em véos illusorios, um fascinio proprio, que se espalha sobre o ambiente e embelleza o espectaculo da vida real... Mas é força que, antes do tempo devido, alguém cruelmente vos arranque da paz e do arroubo. Vede que na Europa, hoje, quando a guerra abre diariamente largos claros nas fileiras dos combatentes, os governos chamam ás armas as mais novas classes dos exercitos, as phalanges dos adolescentes, reservas fulgentes da primavera nacional: aqui; outra desgraça, mais triste, opprime o paiz; e outra morte, peor, escasseia os filhos validos, — desgraça de caracter e morte moral; e já que os varões, incapazes ou indifferentes, deixam o Brazil devastado sem guerra e caduco antes da velhice, — venham ao campo os ephebos, em que o ardor sagrado contrabalance a experiencia, e em que o impeto da fé suppra a immaturidade dos annos!

Não vos deixeis deslumbrados do magnifico progresso d'esta cidade e d'este Estado: São Paulo não é todo o Brazil; e a verdadeira grandeza de um paiz não é a sua riqueza. Por outro lado, não imagineis que o que me assusta seja o desconforto, a falta de dinheiro, a falta de trabalho organizado e productivo na maior parte da União, nem o onus formidavel das dividas opprimindo o nosso futuro. Ainda ha muita ventura e dignidade nas casas em que não ha muito pão; mas nada ha, quando não ha amor e orgulho.

O que me amedronta é a mingua de ideal que nos abate. Sem ideal, não ha nobreza de

alma; sem nobreza de alma, não ha desinteresse; sem desinteresse, não ha cohesão; sem cohesão, não ha patria.

Uma onda desmoralizadora de desanimo avassala todas as almas. Não ha em cada alma a centelha criadora, que é a consciencia da força e da bondade; e de alma para alma não ha uma corrente de solidariedade, de crença commum e de enthusiasmo, que congregue todo o povo em uma mesma aspiração. Hoje, a indiferença é a lei moral; o interesse proprio é o unico incentivo. O «arrivismo», — hediondo estrangeirismo com que se exprime uma enfermidade ainda mais hedionda, — epidemia moral, que tende a transformar-se e a enraizar-se como endemia, envenena todo o organismo social e mata todos os germens da dedicação e da fé: cada um quer gozar e viver sosinho, e crescer, prosperar, brilhar, enriquecer depressa, seja como for, através de todas as traições, por cima de todos os escrúpulos. Assim, a communhão desfaz-se, e transforma-se em acampamento barbaro e mercenario, governado pelo conflicto das cubiças individuaes. E os politicos profissionaes, pastores egoistas do rebanho tresmalhado, nada fazem para impedir a dispersão; e, quando não se aproveitam do regabofe generalizado, e quando não se locupletam, imitando a gula commum, apenas se contentam com a passiva e ridicula vaidade do mando ficticio...

Esse é o spectaculo que nos deparam as classes cultas. As outras, as mais humildes camadas populares, mantidas na mais bruta ignorancia, mostram só inercia, apathia, superstição, absoluta privação de consciencia. Nos ru-

des sertões, os homens não são brasileiros, nem ao menos são verdadeiros homens: são viventes sem alma criadora e livre, como as feras, como os insectos, como as arvores. A maior extensão do territorio está povoada de analphabetos; a instrucção primaria, entregue ao poder dos governos locais, é, muitas vezes, apenas, uma das rodas da engrenagem eleitoral de campanario, um dos instrumentos da marroteira politica. Quanto á instrucção profissional, — essa, na maior parte dos Estados da União, é um mytho, uma fabula, uma ficção. Lembrae-vos que, se a escravidão foi um crime hediondo, não foi menos estúpido o crime praticado pela imprevidencia e pela incapacidade dos legisladores, dando aos escravizados apenas a liberdade, sem lhes dar o ensino, o carinho, o amparo, a organização do trabalho, a habilitação material e moral para o exercicio da dignidade civica...

Que se tem feito, que se está fazendo, para a definitiva constituição da nossa nacionalidade? Nada.

Os immigrants europeus mantêm aqui a sua lingua e os seus costumes. Outros idiomas e outras tradições deitam raizes, fixam-se na terra, viçam, prosperam. E a nossa lingua fenece, o nosso passado apaga-se...

Ha sete annos, houve um rebate anciós e febril. Na tribuna e na imprensa, vibrou um alto chamamento, um toque de alarma a todas as energias adormecidas. E uma lei apontou á nossa esperança o entreluzir de uma promessa de salvação: a lei do sorteio militar, se não a providencia completa do serviço militar obrigatorio, ao menos um ensaio salutar, o pri-

meiro passo para a convalescença e para a cura. Então, como ainda hoje, eu considerava que era esse o unico providencial remedio para o nosso definhamento. Nunca fui, não sou, nem serei um militarista. E não tenho medo do militarismo politico. O melhor meio para combater a possivel supremacia da casta militar é justamente a militarização de todos os civis: a estratocracia é impossivel, quando todos os cidadãos são soldados. Que é o serviço militar generalizado? E' o triumpho completo da democracia; o nivelamento das classes; a escola da ordem, da disciplina, da cohesão; o laboratorio da dignidade propria e do patriotismo. E' a instrucção primaria obrigatoria; é a educação civica obrigatoria; é o asseio obrigatorio, a hygiene obrigatoria, a regeneração muscular e psychica obrigatoria. As cidades estão cheias de ociosos descalços, maltrapilhos, inimigos da carta de «abc» e do banho, — animaes brutos, que de homens têm apenas a apparencia e a maldade. Para esses rebotalhos da sociedade a caserna seria a salvação. A caserna é um filtro admiravel, em que os homens se depuram e apuram: d'ella sairiam consciences, dignos, brasileiros, esses infelizes sem consciencia, sem dignidade, sem patria, que constituem a massa amorpha e triste da nossa multidão... Mas nada se fez. O mesmo homem, o mesmo marechal, que, quando ministro da guerra, promoveu esse movimento salutar em favor da nacionalidade, — no dia em que subiu ao supremo poder foi o primeiro a esquecer a sua criação, deixando-a morta no berço. E hoje, depois de um quatriennio de lutas estereis e de politicagem

sem moral, — o problema terrível permanece sem solução: uma terra opulenta em que muita gente morre de fome, um paiz sem nacionalidade, uma patria em que se não conhece o patriotismo.

Moços de São Paulo, estudantes de Direito, sede tambem os estudantes e os pioneiros do ideal brasileiro! Uni-vos a todos os moços e estudantes de todo o Brazil: num exercito admiravel, sereis os escoteiros da nossa fé!

O Brazil não padece apenas da falta de dinheiro: padece e soffre da falta de crença e de esperança. O agonizante não quer morrer: quer viver, salvar-se, reverdecer, reflorescer, rebentar em nova e fecunda fructificação. Dae-lhe os vossos braços, dae-lhe as vossas almas, dae-lhe a vossa generosidade e o vosso sacrificio! Não esperéis o dia em que, deixando esta casa, iniciardes a vossa effectiva existencia civica, para o trabalho publico, para a agitação social, para a politica. Trabalhae, vibrae, protestae, desde já! Protestae, com o desinteresse, com a convicção, com a renuncia, com a poesia, — contra a mesquinharia, contra o egoismo, contra o «arrivismo», contra a baixeza da indiferença!

D'esta velha casa, de entre estes sagrados muros, que esplendem de tradições venerandas, d'este quasi secular viveiro de tribunos e de poetas, — d'aqui saíram, em rajadas de heroismo, em impetos de entusiasmo, as duas campanhas gloriosas, que foram coroadas pela victoria da Abolição e da Republica. Estruja de novo a casa! estremeçam de novo os muros! e de novo palpita e resôe o aviario canoro, cheio de hymnos de combate e de gorgeios

de bondade! Inaugurae, moços de São Paulo, a nova campanha!

Perto de vós, entre vós, o começo da minha velhice, tocado da graça milagrosa da vossa mocidade, tem gomos verdes, feiticeiros rebentos de ressurreição.

Escuta e acolhe a revolta e a esperança do meu outono, ó primavera da minha terra! Em marcha victoriosa, ó meus irmãos, para o Ideal!



O CANCRO

Aos estudantes da Faculdade
de Medicina de S. Paulo. 14 de
Outubro de 1915.

Agradeço com immenso enternecimento a bondade e o carinho com que recebeis a minha visita.

Nesta nobre casa, nestê ambiente de trabalho e de affecto, entre os vossos corações amigos, um mundo de saudades revive na minha alma. Apenas saído da adolescencia, fui como vós, estudante de medicina. No velho edificio da Faculdade do Rio, naquelle recanto da feia rua da Misericordia, ao lado do mar, entre arvores antigas, abriu-se 'á Vida o meu espirito inquieto e ávido, de azas tontas, de vôo indeciso. Allí vivi, dos 15 aos 20 annos; desvendou-se, allí, para mim, o maravilhoso e doloroso espectaculo do universo e do homem; na Faculdade e no Hospital, na aula e na enfermaria, — a principio timido aprendiz dos segredos das sciencias naturaes, depois ancioso iniciado na biologia, frequentador dos amphitheatros e dos laboratorios, ajudante de preparador de physiologia experimental, interno de clinica, — adquiri este exaltado gosto da curiosidade, e este doce e amargo sentimento de tristeza resignada, com que tenho até hoje atravessado a existencia. Entre o gabinete de chimica e a sala do nosocomio, entre a mesa

de dissecação e o leito do enfermo, escrevi os meus primeiros versos: a minha poesia nasceu da ancia de saber e da revelação da dor e da piedade. Que é o sonho, senão uma flor do estudo e da compaixão? que é a arte, senão uma filha da curiosidade e do soffrimento?

Vendo-vos, nesta hora meiga e consoladora da minha vida, a mim mesmo me vejo entre vós, moço como vós, estudante e poeta como vós. Porque sois poetas, todos vós; a poesia, — mocidade e vibração, clarão interior de todos os homens intelligentes e bons, — palpita e chispa no olhar, com que me aqueceis e iluminaes. A poesia viceja e brilha em toda a parte, no recesso do sabio e na officina do operario, no gabinete do estadista e na abegoaria do lavrador, no santuario do jurista e no consultorio do medico; a poesia não é sómente o rhythmo da belleza, a mestria da expressão metrica; é tambem, e principalmente, a bondade e o ideal, o amor da justiça e da verdade, o culto do pensamento e da misericordia, o sentimento e a consciencia da vida moral.

Falo-vos, como poeta, e como velho e impenitente estudante. Como poetas, e como futuros medicos, meus jovens irmãos, amae o Brazil, e dae assistencia á patria enferma!

Conheceis, ou conhecereis, entre os casos clinicos, que vistes ou vereis, uma das mais terriveis desgraças do organismo humano, a mais cruel, talvez, de todas as miserias phisicas. Um leve endurecimento, a principio, e uma ligeira corrosão na pelle ou na mucosa; em seguida, o alargamento e a penetração do nucleo destruidor; e o tumor lançando raizes

envenenadoras, polvo hediondo, dilatando e aferrando os seus tentaculos vorazes, mordendo e triturando os tegumentos, roendo e comendo os tecidos; e a marcha fatal e implacavel da ruina, desfazendo as carnes em sanie; e o mal sem cura infiltrando-se em todo o corpo; e o virus letal intoxicando todo o sangue, mirrando e extinguindo toda a força; e, emfim, a cachexia, o marasmo, a agonia, e a morte. E' o cancro.

Ora, este flagello do organismo physico existe tambem no organismo social. As sociedades, como os individuos, são ás vezes devastadas por essa mesma doença, de symptomas identicos, de marcha igualmente assustadora, de consequencias igualmente funestas. E' a mesma voracidade, o mesmo enraizamento, a mesma infecção, a mesma dyscrasia, o mesmo depauperamento, a mesma destruição. Este carcinoma da estructura moral é a indiferença; e os seus tentaculos ferozes insinuando-se, verrumando, terebrando, infeccionando, ressumando uma baba viscosa e mortifera, desagregando e devorando a presa, — são a fraqueza da alma, o desanimo, o egoismo, a autolatria, o amor exagerado do luxo e do dinheiro, a falta de patriotismo, e o aniquilamento do character proprio pelo desdem dos interesses sagrados da communhão.

Alguns symptomas d'este morbo ignobil já se manifestam em varias zonas do grande corpo brasileiro. Se, em dois ou tres Estados da União, o trabalho, a instrucção e o ideal ainda reagem e vencem, — esses mesmos Estados devem ser os mais interessados no perigo, e devem ser os primeiros defensores da federa-

ção em perigo. Sabeis que a manifestação cancerosa nunca terá efeitos desastrosos exclusivamente locais, uma vez que o virus, vehiculado pelo sangue, fatalmente se espalha e irriga e contamina toda a economia vital...

Lutemos todos! reajamos e trabalhem todos! Se para o carcinoma physico ainda não se descobriu, apesar do paciente labor e da heroica tenacidade dos sabios, um remedio seguro, — para o outro, moral e social, existe e sempre existiu o especifico infallivel, o antidoto facil, ao alcance de todos, a um tempo prophylatico e regenerador, preventivo e curativo: a crença individual, o entusiasmo pessoal, — a coragem civica, que é a salvaguarda da collectividade, a manutenção e a grandeza da patria.

Para combater e prevenir a diathese cancerosa physica, vaé certamente apparecer um salvador amanhã; e esse talvez seja um de vós, quem sabe? — porque é possível que, entre vós, estudantes de medicina, já exista, em germen, um Jenner, um Pasteur, um Chagas. Mas, para debellar a diathese, que ameaça a nacionalidade brazileira, cada um de vós já é um medico perfeito, um inventor benefico, um salvador providencial.

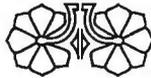
Concito-vos, como já concitei os vossos irmãos da Faculdade de Direito, e como concito todas as almas do Brazil, para a campanha do entusiasmo e da fé.

Cultivae, desenvolvei, acendrae o vosso patriotismo! E pregae o patriotismo aqui, e lá fóra, — nas bancadas das aulas, nos laboratorios, nas salas do hospital, nas ruas, nos lares em que nascestes e em que vos educastes, nos

lares novos que constituireis e em que o vosso affecto fructificará em novos brasileiros!

Futuros medicos para os corpos, sede medicos tambem para as almas, — para a grande alma do Brazil! O Brazil carece de uma nova therapeutica moral e de uma nova cirurgia audaz...

Deus abençõe a vossa bondade e a vossa energia!



AO EXERCITO NACIONAL

No banquete oferecido pelo
Exercito, no edificio do Club Mi-
litar; 6 de Novembro de 1915.
Rio de Janeiro.

Não sei como poderei agradecer esta comovedora prova de affecto. Recebeis-me, como vosso, como filho da grande familia militar, cuja maior nobreza deve ser sempre a gloria, e cuja melhor riqueza deve ser sempre a virtude; e já esta honra me engrandece. Mas, para augmentar a minha divida de gratidão, collocastes á frente d'esta manifestação os nomes de tres dos mais illustres generaes do Exercito; e escolhestes, como interprete da vossa estima, e como paranympo meu, um dos meus mais queridos amigos, um irmão bem amado, em cujo espirito e em cujo coração sempre encontrei, nos mais duros dias da minha vida, conselho e consolo, energia e repouso.

A vossa generosidade exaggera o prestimo do meu nome e a importancia do meu trabalho. Nada fiz, que merecesse tão alto premio. O que disse e fiz já estava no pensamento de todos os brasileiros bons, e já tinha sido proclamado. A lei do sorteio militar, que sempre reputei benefica para a necessidade da cohesão nacional, está decretada ha mais de sete annos; e já muitos homens de espirito clarividente e de leal patriotismo, estudando e annunciando

os perigos que nos ameaçam, apontaram o remedio e a salvação. Nada inventei, nada criei. Mostrei de novo, apenas, e com menos brilho, a fealdade da doença do tempo, a desnacionalização da nossa gente, a fraqueza dos governos, o desvanecimento do entusiasmo, a falta da coragem e da fé; e apenas procurei reaccender a propaganda esquecida. Acredito que o valor da minha acção nasceu unicamente de uma prospera conjuntura do tempo e do lugar, — da occasião feliz em que foram pronunciadas as minhas palavras. Cercavam-me corações em flor, espiritos em révora: o ambiente era propicio, de mocidade e de ternura; e a velha Faculdade de Direito de São Paulo ecoava ainda antigos clamores de crença e de combate: a minha revolta resuscitou, entre aquellas paredes, a grandeza e a febre de campanhas mortas. Assim, o passado e o presente, num encontro milagroso, acolheram, aggravaram, e repercutiram com efficacia o meu grito...

Não posso agradecer-vos. Mas posso, ao menos, dizer-vos como vos amo, e quanto me commove e orgulha o apreço que me mostraes. Sois os mesmos soldados, que sempre ennobreceram o Brazil, desde a época difficil da fundação da patria; sois o mesmo exercito, que, em todas as crises graves da nossa historia, até a proclamação da Republica, deu ás boas causas a sua força material e a sua força moral, nessa longa serie de altos serviços nacionais, que o vosso orador acaba de relembrar; quando vos falo, falo ao vosso presente, como ao vosso passado, e ainda ao vosso grande futuro.

Quando nasci, o Brazil vibrava, no apogeu da sua éra epica, entre a batalha do Riachuelo e a batalha de Tuyuty. Findava o anno de 1865. Todas as energias do paiz estavam nos campos do sul. Meu pae, poucos mezes antes, partira para a guerra. No lar attribulado e pobre, havia sustos e esperanças, lagrimas e sonhos: as cartas, que vinham do theatro da luta, traziam á familia moralmente desamparada sorrisos e raios de fé; mas, entre as raras noticias, enlutava-se a casa, e apertavam-se os corações. Em toda a cidade, a mesma inquietação, o mesmo sobresalto, a mesma alternativa de clamores de jubilo e queixas de desesperação. Nessa pesada e angustiosa atmospherá moral, correram os primeiros quatro annos da minha vida... Depois, a minha meninice viveu da vossa gloria. As festas que coroaram a victoria, os hymnos e as flores que recebiam os batalhões, a paz e a fortuna regozijando a cidade e todo o paiz, as fardas e as condecorações, os arcos de triumpho e os cortejos, as narrativas dos combates, o desempenho dos vencedores, o orgulho dos mutilados, o enthusiasmo dos moços, o enternecimento dos velhos, o enlevo das mulheres, — todo esse spectaculo de heroismo, dominando a vida nacional, e por muitos annos alimentando a altivez do povo, encheu e maravilhou toda a minha adolescencia... Depois, já homem, vi que as vossas espadas, recusando a sua força e o seu brilho á ganancia dos mercadores de homens, e defendendo a miséria dos escravizados, apoiaram a dedicação dos abolicionistas, e apressaram a victoria da sagrada campanha... Depois, encontrei-vos, de

novo, na alvorada de 15 de Novembro, e vi toda a vossa bravura e toda a vossa belleza, irradiando, concentradas na figura legendaria de Deodoro... Foi assim que vos ameil!

Se alguma vez diminuiu a minha admiração, se de algum modo me afastei de vós, foi porque, com tristeza, vi alguns de vós, arredados do nobre terreno e da augusta missão em que sempre deveis honrar-vos e honrar o Brazil, preferirem ao rude e magnifico sacrificio da vida militar o facil e grosseiro proveito do mando partidario e da pequena politica das facções e das intrigas... Mas o desfallecimento não durou muito. Quasi todos os transviados já estão desilludidos e arrependidos. Na consciencia de todos deve estar a convicção da inutilidade, e, mais ainda, do criminoso erro d'essa dispersão de energias e de devotamentos. Sei, — e é preciso que todo o paiz o saiba, — que um halito saneador e criador percorre hoje todos os quarteis. O pensamento e a acção, o estudo e o exercicio, a vontade e a disciplina, animando os officiaes, e d'elles emanando, inflammam e fortalecem os soldados; o trabalho e a esperanza, a confiança e o estimulo succederam á inercia e ao desdesanimo; e, nesse ambiente de agitação fecunda e de reconstrucção salvadora, não podem e nunca mais poderão medrar as murmurações, os despeitos, os descontentamentos, as mesquinhas rivalidades, as desmoralizadoras ambições, que só vivem bem nos arraiaes do caudilhismo e da desordem. D'este modo, querendo collaborar com todas as outras classes do nosso povo na grande empreza do revigoroamento civico, que todos devemos iniciar e executar, es-

taes reatando o fio luminoso das tradições militares, que são o patrimonio da vossa classe... E' assim que vos amo!

Se praticastes erros, tambem os praticámos nós, os civis. Se d'esses erros communs nasceu o funesto divorcio, que separou durante tantos annos o elemento civil e o elemento militar, nasça agora da confissão e da reparaçào de todos os desvios e de todas as faltas um consorcio firme e perpetuo. E que este consorcio seja proclamado em palavras e em actos, desde já, emquanto não se organiza a indispensavel generalizaçào do serviço militar transformado em serviço nacional, — de modo que, como excellentemente acaba de dizer o vosso interprete, «confraternizem todas as classes, desapareça para sempre o espantallo do militarismo, seja a nação o exercito e o exercito seja a nação».

Já disse repetidas vezes que não mereço, nem quero pretender o papel e o titulo de apostolo: o papel é superior ao meu valor moral; e o titulo, dado a mim, traria comsigo uma ironia, que a minha sinceridade repelle. Já disse tambem que não sou sociologo, nem philosopho: não posso idear nem executar um programma de remodelaçào social. Sou, apenas, poeta, e poeta sincero e patriota. Se posso ser professor, quero ser e serei exclusivamente professor de enthusiasmo. E, dentro d'este papel, não serei polemista, nem agitador de ruas, nem conquistador de popularidade. A minha humilde missào está cumprida: a mocidade do paiz agita-se, todas as classes despertam, os homens superiores estudam o problema, o movimento generaliza-se; posso agora sair da

frente da batalha, e entro na massa da legião, casando o meu esforço obscuro aos esforços anonymos dos outros legionarios.

Se appareci em evidencia, foi porque havia em minha alma uma revolta, que me suffocava. Em minha consciencia: acredito que o Brazil está atravessando hoje a mais grave de todas as crises de sua historia. Opprime-me um grande medo. Não é o da miseria publica; porque, com trabalho e honestidade, alguns annos bastarão para remediar a devastação causada pela incuria ou pela improbidade. Não é também o da guerra, da invasão estrangeira, da perda da liberdade, da mutilação do territorio por sequestro ou conquista: tal perigo, se existe ou existir, será talvez o mais afastado e o mais improvavel de quantos nos rodeiam; além d'isso, essa desgraça ainda seria uma fonte de grandes bens: porque, em falta de um perfeito patriotismo collectivo, consciente e cohesivo, ao menos ha no Brazil, felizmente, a bravura propria, o pundonor pessoal, um patriotismo individual; e a guerra, apesar de todos os seus males, seria uma ventura, porque seria uma formidavel força de ligação nacional... O que me aterra é a possibilidade do desmembramento. Amedronta-me este spectaculo: este immenso territorio, povoado por mais de vinte e cinco milhões de homens, que não são continuamente ligados por intensas correntes de apoio e de acordo, pelo mesmo ideal, pela educação civica, pela cohesão militar; conflictos ridiculos sobre fronteiras, dentro da integridade da patria, explorados pela rhetorica, envenenados pelo fanatismo, originando guerras fratricidas; a des-

egualdade entre Estados irmãos, desirmanados pela differença das fortunas e das prendas, — estes ricos e felizes, prosperando e brilhando, desenvolvendo o seu trabalho e a sua instrucção, e aquelles pobres, sem ventura, sem pão, sem ordem, sem escolas, assolados pelos flagellos da natureza ou talados pelos desmandos da governação; e descontentamentos, e rivalidades, e indifferença, desamor, falta de unidade...

Este é o meu terror. Porque sem unidade não ha patria. Quatrocentos annos de esperança e de tortura fizeram esta nação, dada á humanidade pela continuação de infinitas acções generosas: pelo esforço de um pequenino povo, — menos de dois milhões de almas, em uma estreita faixa de terra, — descobrindo, povoando, explorando, artilhando, defendendo mais de seis mil kilometros d'esta costa; pelo impeto das bandeiras e pela bondade dos apóstolados, desbravando as selvas, as aguas e as almas; pelo sangue dos filhos e dos netos dos povoadores, derramado em prol do patrimonio; pelo suor e pelas lagrimas de uma raça martyr, arrancando do solo bruto a riqueza, a felicidade e o luxo; pelo heroismo de successivas gerações, combatendo pela liberdade, pela integridade, pela justiça e pela gloria... E' horrivel pensar que esta esplendida construcção de quatro seculos possa ser desmantelada pela inercia, pela ignorancia, pela preguiça moral, pelo egoismo!

Mas, não! Unamo-nos, nós, os das classes cultas, nós, os que temos instrucção, pensamento e consciencia.

Unamo-nos, trabalhemos, e venceremos, — e dentro do regimen republicano. O descontentamento e o desanimo de algumas almas appella para a restauração da monarchia, como para uma panacéa de effeitos prodigiosos e instantaneos. Se o advento de um Messias pudesse agora levantar, rejuvenescer e felicitar em poucos minutos ou em poucos annos todo o Brazil, todos os patriotas, convencidos do supremo poder de tão divino condão, deveriam acceitar de braços abertos esse enviado do céu. Mas os milagres são impossiveis. O trabalho, que nos incumbe, é longo, demorado, difficil. Não podemos transformar de subito esta geração que está vivendo. Devemos trabalhar para o futuro: sómente outras gerações, inais felizes, gozarão o bem que tivermos criado. Se os unicos remedios para a doença nacional são o tempo, a tenacidade e o devotamento, — porque não empregaremos, nós, os republicanos, esta therapeutica ao alcance dos nossos meios?

Façamos nós a resurreição da gloria do Brazil! Não a podemos fazer em poucos dias nem em poucos lustros, por um pródigo de thaumaturgia social. Mas inevitavelmente a faremos, se, inspirados pela nossa crença e pelo nosso patriotismo, lavrarmos a alma do Brazil, como os agricultores lavram o seu campo: com o tempo e a paciencia, com a vontade e a arte, dando toda a força do braço e a alegria do coração a todos os longos e sublimes trabalhos que o sólo exige, — o derrote e o amanho, a aradura e o alqueive, a sementeira e a réga, — antes do dia nobre em que,

coroando e abençoando o sacrificio, surge o esplendor da seara.

O programma está assentado, e é simples e velho: a educação civica, firmando-se na instrucção primaria, professional e militar. Mas não esqueçamos que do ensino devem ser dignos os professores.

A educação civica, devemos ser os primeiros a aprendel-a, medital-a e practical-a. Melhoremo-nos, antes de melhorar o povo. Procuremos inaugurar uma nova politica, a verdadeira e «san politica, filha da moral e da razão», nacional e não corrilheira, sincera e digna, condemnando e abolindo os artificios em que vivemos, fraudes eleitoraes, fraquezas governamentaes, palliativos economicos e sophismas judiariarios. E não são os politicos os unicos responsaveis pelo descabro. Quasi todos errámos, peccámos, e ultrajámos a Patria, civis e militares, politicos e homens de letras, professores e jornalistas, artistas e operarios, quasi todos os paes de familia e cidadãos. Uns por maldade ou indifferença natural, outros por affectação ridicula ou tola jactancia, outros por imitação, — quasi todos desertámos o culto civico. Esses ainda foram os menos culpados, porque se limitaram ao afastamento do templo: os peores foram aquelles, que, prégando as idéas subversivas e as palavras más, ousaram proclamar a negação da necessidade da Patria... Eu mesmo, que vos falo, — porque é preciso que eu seja o primeiro a dizer o «confiteor», — tambem me envergonho hoje da frivola e ironica literatura, que deixei pelos jornaes, muitas vezes eivada do fermento anarchico. Confessemos-nos todos, arrependamo-nos,

e não perseveremos no peccado! A affronta da negação da Patria, a injuria do desdém, e ainda a frivolidade e a ironia, e até a indifferença e a abstenção, no que se refere á Patria, são crimes igualmente graves. A Patria é o grande «feitiço», o inviolavel «tabú», que deve ser adorado cégamente, sem ser tocado.

Regeneremo-nos, e voltemos ao culto civico. Amemos o Brazil, nós que o dirigimos. E, aperfeiçoados, vamos ao encontro do povo, e aperfeiçoemol-o. O povo possui energias e virtudes, mais fortes e mais puras do que as nossas: o que cumpre é estimulal-as, é extrahil-as, como se extrahem os metaes da ganga nativa.

Nós, que vivemos no litoral, e nas zonas mais acercadas do litoral, nestas cidades, em que fervem o trabalho e a ambição, os esplendores e os vicios, todas as bellezas e as fealdades da civilização, não podemos suspeitar a vida que arde no amago da terra brava. Neste momento, um de vós, senhores, o coronel Rondon, está proseguindo a sua longa peregrinação pelo bruto seio das brenhas. Com elle, vae um punhado de heroes obscuros. São, ao mesmo tempo, a bandeira e a missão, as sortidas do seculo XV e do seculo XVI, redivivas no seculo XX. Em cada um d'esses homens vibra um Fernão Dias e sorri um Anchieta. E, nos rudes sertões, tudo é mysterio, tudo é encantamento, tudo é espanto e riqueza. Nestas maravilhosas entradas de conquista e de catechese, cada passo é uma revelação e uma criação: o descobrimento de um rio, de uma serra, de um aldeamento de indios; o achado imprevisto de um thesouro natural, a invenção de um recurso

para a sciencia ou para a industria; a planta-
ção de uma roça, de um poste telegraphico,
de um nucleo de povoação civilizada, de um
rudimento de escola; a colheita de novas for-
ças materiaes e moraes para o Brazil, — um
mundo immenso que jazia em trevas...

Pois bem! A alma brazileira tem a mesma
grandeza e os mesmos segredos dos sertões.
Não a conhecemos, porque não nos conhecemos.
Entremos por ella, emprehendamos através
d'ella a grande e deslumbradora viagem da
Fé! Descobriremos vertigens e delicias, as-
sombros e consolações, energias desconhecidas
e piedades não adivinhadas. Encontraremos a
cada passo uma vontade, uma vibração, um
impulso, uma resistencia, uma coragem e uma
dedicação. E todas estas forças estarão com-
nosco. E, quando regressarmos da expedição
magnifica, teremos criado a mais bella e a
mais viva de todas as nações da terra.

Peço-vos, senhores, que vos levanteis. Com
toda a alma, com toda a crença e com toda a
esperança, saudemos o passado glorioso do Bra-
zil, que resplandece em vossos uniformes; o
presente soffredor do Brazil, que enche todos
os nossos corações; e o futuro incomparavel do
Brazil, que viverá no orgulho dos nossos des-
cendentes, — a Grande Patria, que será forte
para ser boa, armada para ser justa, e rica
para ser generosa!

A' MARINHA NACIONAL

No edificio do Batalhão Naval, na «festa da bandeira». 19 de Novembro de 1915.

Senhores. Não me engano sobre a significação d'este acto de fraternidade. Os vossos louvores e a vossa afeição não vêm para mim, mas para todos os que trabalham commigo, e para a grande causa que defendemos. Hoje, entre vós, como hontem entre os vossos irmãos do Exercito, e como ha pouco entre os moços de São Paulo e do Rio de Janeiro, sinto o coração suspenso em sobresaltos que me dóem e me delicias, e vejo-vos através de lagrimas que me enfraquecem e me consolam; uma intensa felicidade e uma suprema gratidão me arroubam; tenho a impressão de ser levado e embalado por uma onda de sympathy, humilde folha perdida rolando num rio de carinho... Mas nenhum orgulho se mistura á minha ventura. Sinto-me cada vez mais obscuro na minha alegria, menos saliente na minha força. Tão intima e perfeita é a communhão entre a minha alma e as vossas almas, que nem acredito na minha existencia individual: sou apenas um effluvio da vossa presença, uma emanção da vossa concurrencia; a minha crença, o meu entusiasmo, a minha poesia saem de vós; o que digo é o vosso pensamento: porque, quando

estou convosco; brasileiros de fé, sois todo o Brazil: e eu, sou, pessoalmente, um simples instrumento inconsciente do vigor nacional, um mesquinho raio de luz, uma fraquissima vibração, um insignificante sorriso da prodigiosa vitalidade da Patria.

Não tratemos de mim... Que valem nomes? O que vale é o cemiterio confuso e venerando, em que repousam, depois das pelepas sublimes, as dedicações desconhecidas e as renuncias heroicas, que criaram o nosso nome colectivo; e a massa pullulante e sussurrante das energias que nos rodeiam, e reclamam a a nossa direcção, o nosso conselho e o nosso auxilio; e a infinita nebulosa em que ardem sementeiras de myriades de astros humanos, - o futuro do Brazil, que, esquecido da vaidade dos ambiciosos, e perdoando os erros ou a inercia dos brasileiros maus, sómente abençoará o trabalho herculeo e anonymo dos constructores do nosso civismo.

Vós, gloriosos marinheiros do Brazil, fostes, sois, e sereis dos melhores operarios d'esta construcção abençoada.

Nos quatro versos (*), com que o joven e brilhante interprete da Mariuha acaba de encerrar o seu vibrante discurso, procurei um dia synthetizar o amor e a admiração que vos devoto. Sois, de facto, a alma errante da Patria pelo mar. O mar, que é o perpetuo movimento, a perenne vibração, a eterna vida, re-

(*) «A alma da Patria sobre ti descança,
O' mar verde, a soffrer e a trabalhar...
O' mar verde, tu guardas a esperança
Da alma da Patria errante sobre o mar!»

servatorio de turbilhões de vidas, e seio primordial em que nasceram todas as vidas do planeta, sendo uma escola de energia e de bravura, é uma escola de civismo. A grande poesia das aguas largas, a attracção do desconhecido, a curiosidade do infinito e do mysterio, o sentimento da liberdade, o ar puro tonificando o corpo, a solidão fortalecendo o espirito, o desencontrado e captivante espectáculo das calmas e das coleras do oceano, o horizonte sem raias aberto para a imaginação, a immensidade do universo contrastando a pequenez do homem, apuram a intelligencia, educam a attenção, retemperam o character, aperfeiçoam a bondade e acrisolam o patriotismo. O silencio, o recolhimento, o mudo colloquio com os ventos presentes e invisiveis, com os astros serenos e perturbadores, e com as vagas sempre movediças e cambiantes, dão á meditação uma intensidade de extase religioso. E o apartamento e a saudade dão ao marinheiro um novo enternecimento, uma nova piedade filial, uma nova gratidão fervorosa para o lar distante e para o berço deixado, que mais enchem o coração á medida que se apagam da retina. Sois bem a alma da Patria, quando ella vae comvosco pela extensão do mar; ella vive no bojo dos vossos navios, fala pela voz dos vossos canhões, braceja e exulta na insignia auri-verde que vos protege; e com ella, e comvosco, vae a lição incomparavel dos vossos maiores, a memoria dos heroes de Riachuelo.

Que posso dizer-vos, para agradecer o jubilo que me dão hoje a vossa companhia e a vossa amizade? Para servir-vos e glorificar-vos, não vos trago palavras de vulgar cortezia.

Venho dar-vos o meu coração, e peço-vos que o depositeis por terra, junto da bandeira do Batalhão Naval. E' hoje o dia festivo do sagrado symbolo da nossa nacionalidade. Adoremol-o! Concentremós toda a nossa intelligencia e todo o nosso affecto nesta adoração. Dizei todos commigo a nossa

ORAÇÃO A' BANDEIRA

Bem dita sejas, bandeira do Brazil!

Bem dita sejas, pela tua belleza! E's alegre e triumphal. Quando te estendes e estalas á viração, espalhas sobre nós um canto e um perfume: porque a viração, que te agita, passou pelas nossas florestas, roçou as toalhas das nossas cataractas, rolou no fundo dos nossos grotões agrestes, beijou os pincares das nossas montanhas, e de lá trouxe o bulicio e a frescura que entrega ao teu seio carinhoso. E's formosa e clara, graciosa e suggestiva. O teu verde, da cor da esperanza, é a perpetua mocidade da nossa terra e a perpetua meiguice das ondas mansas que se espreguifam sobre as nossas praias. O teu ouro é o sol que nos alimenta e excita, pae das nossas searas e dos nossos sonhos, nume da fartura e do amor, fonte inexgotavel de alento e de belleza. O teu azul é o céu que nos abençoa, inundado de soalheiras offuscantes, de luares magicos e de enxames de estrellas. E o teu Cruzeiro do Sul é a nossa historia: as nossas tradições e a nossa confiança, as nossas saudades e as nossas ambições; viu a terra desconhecida e a terra descoberta, o nascer do povo indeciso, a inquieta alvorada da Patria, o soffrimento das

horas difficeis e o delirio dos dias de victoria; para elle, para o seu fulgor divino ascenderam, numa escalada anciosa, quatro seculos de beijos e de preces; e pelos seculos em fóra irão para elle a veneração commovida e o culto feiticista das multidões de brazileiros que hão de viver e lutar!

Bem dita sejas, pela tua bondade! Cremos em ti; por esta crença, trabalhamos e penamos. A' tua sombra, viçam os nossos sertões, cavados em valles meigos, riçados em bre-nhas fecundas, levantados em serras majestosas, em que se escondem torvelins de existencias e thesouros virgens; fluem as nossas aguas vivas e vertentes, em que circulam a nossa soberania e o nosso commercio, agora derramadas em correntes generosas, agora precipitadas em rebojos esplendidos, agora remansadas entre selvas e collinas; e sorriem os nossos campos, cheios de lavouras e de gados, cheios de casaes modestos, felizes no suado labor e na honrada paz. E, sob a tua égide, rumorejam as nossas cidades, colmeias magnificas, em que tumultuam ondas de povo, e em que se extenuam braços, e se esfalfam corações, e ardem cerebros, e resfolegam fabricas, e estrugem estaleiros, e vozeiam mercados, e soletram escolas, e rezam igrejas.

Bem dita sejas, pela tua gloria! Para que seja maior a tua gloria, juntam-se, na mesma labuta, a enxada e o livro, a espada e o escopro, a espingarda e a trolha, o alvião e a penna. Para o teu regaço piedoso, elevam-se, como uma oblata, os aromas dos jardins e os rolos de fumo das chaminés; e sobe o hymno sacro de todas as nossas almas, resoando o nosso

esforço, o nosso pensamento e a nossa dedicação, vozes altas concertadas, em que se casam o ranger dos arados, o chiar dos carros de bois, os silvos das locomotivas, o retumbar das machinas, o ferver dos engenhos, o clamor dos sinos, o clangor dos clarins dos quarteis, o esfusiar dos ventos, o ramalhar das matas, o murmurejo dos rios, o regougo do mar, o gorgueio das aves, todas as musicas secretas da natureza, as cantigas innocentes do povo, e a serena harmonia criadora das lyras dos poetas.

Bem dita sejas, pelo teu poder; pela esperança, que nos dás; pelo valor, que nos inspiras, quando, com os olhos postos em tua imagem, batalhamos a boa batalha, na campanha augusta em que estamos empenhados; e pela certeza da nossa victoria, que canta e chispa no fremito e no lampejo das tuas dobras ao vento e ao sol!

Bem dita sejas, pelo teu influxo e pelo teu carinho, que inflamarão todas as almas, condensarão numa só força todas as forças dispersas no territorio immenso, abafarão as invejas e as rivalidades no seio da familia brasileira, e darão coragem aos fracos, tolerancia aos fortes, firmeza aos crentes, e estimulo aos desanimados! Bem dita sejas! e, para todo o sempre, expande-te, desfralda-te, palpita e resplandece, como uma grande aza, sobre a definitiva pátria, que queremos criar forte e livre: pacifica, mas armada; modesta, mas digna; dadivosa para os estranhos, mas antes de tudo maternal para os filhos; liberal, misericordiosa, suave, lyrica, mas escudada de energia e de prudencia, de instrucção e de civismo,

de disciplina e de cohesão, de exercito destro e de marinha aparelhada, para assegurar e defender a nossa honra, a nossa intelligencia, o nosso trabalho, a nossa justiça e a nossa paz!

Bem dita sejas, para todo o sempre, bandeira do Brazil!



NA ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA

Lisboa. 30 de Março de 1916.

Senhores. Foi com uma viva commoção, mas sem acanhamento, que passei o ádito d'esta nobre casa. Enche-me de orgulho a acolhida que me daes; mas não bati á porta como intruso, e não transpuz a soleira como forasteiro. Entrei com recatada ternura e affectuoso respeito, como familiar do sacrario, e como filho do solar, filho obscuro e pobre, mas sempre filho.

Não olho com a surpresa de uma primeira visita a physionomia d'este recinto. Vendo-vos, falando-vos, ouvindo-vos, sinto que este nosso encontro é apenas a continuação de outras confabulações, de antiquissimo trato. Parece-me que conheço desde 1834 estas casas do Convento de Jesus. Mais ainda... Não me assaltaria um sobresalto, se, em vez de estar falando entre estes muros, eu me visse transportado para outras residencias mais velhas, e se a minha voz soasse nas escuras salas do palacio do Monteiro-Mór, ou nos escuros andares do Poço dos Negros, primitivas sédes das vossas reuniões. Não me acabrunharia o assombro, se, por uma nova obra de feitiçaria, a situação e a hora de hoje se arredassem ainda mais

para tempos mortos num recuo de mais de um seculo, e se esta sessão fosse a vossa primeira sessão, na mansão real de Maria Primeira, em 1780... A minha voz não tremeria, e os meus olhos se não ennevoariam de medo, se o mobiliario actual, e o vosso vestuario, e o aspecto de vossas figuras se transformassem, e se, de repente, sob os painéis de um tecto do paço das Necessidades, entre paredes cobertas de panos de arrás e de tremós dourados, eu visse, no estrado da presidencia, — risonho, sob a peruca empoada, com o peitinho tufando em bofes de rendas, entre as abas do collete de damasco, o Duque de Lafões; e, em torno d'elle, outros espectros vivos, — Correia da Serra, botanico e antiquario, amigo das plantas e dos livros, verdadeiro criador d'esta companhia; Padre Theodoro de Almeida, philosopho e poeta; o sexto visconde de Barbacena, Capitão General das Minas Geraes; Pedro José da Fonseca, beneditino das letras, philologo e lexicographo; Padre Joaquim de Foyos, theologo no pulpito e pagão helleno na bibliotheca; e outros ancestraes da Academia, outras grandevas figuras redivivas...

Toda essa fabrica e machinação de magica me não espantaria, porque tudo isso me pareceria uma natural illusão dos meus olhos, uma allucinação justificavel do meu espirito.

Esta consciencia de existencias anteriores, vaga lembrança de varios avataras, é phenomeno psychico muito familiar a todos os espiritos que se nutrem de tradicionalismo, dados ao amor e ao culto das cousas do passado.

Sempre fui um tradicionalista, sem ser um retrogrado. Vivo feliz, ou resignado do presente, e estimulado pela curiosidade do futuro; mas vivo também, e muito, da saudade dos tempos que vivi, e de tempos que realmente não vivi... Saudade rara, mas não absurda. Talvez seja um pouco exaggerada em mim esta paixão pelo passado: mas paixão bem humana e bem sã. Não ha alma que possa viver sem saudades. Lembrar é viver e reviver. A certeza do hoje nasce da lembrança do hontem: um homem sem recordações seria uma pedra inerte...

O que vos digo explica a falta de constrangimento com que me apresento a vós, sem o temor de um ádvena, sem a cerimonia de uma visita passageira. Isto explica também o vivo desejo com que procurei a honra e o jubilo de pertencer á vossa companhia. Querendo ser vosso, quiz, de modo mais forte, incorporar-me á vossa cultura e integrar-me no nosso passado.

Este meu tradicionalismo não é incompativel com o meu nacionalismo. Nacionalista ardente, e não nativista, tenho um patriotismo com pergaminhos e brazões. E a minha attitude, aqui, é a mesma que me governa no Brazil.

Ha nos annaes d'esta Casa uma pagina, que vos orgulha e me orgulha; ahi resplandece um nome, que nunca se apagará da historia do Brazil, e ahi avulta uma lição, que esclarece e nobilita a minha situação. Reza essa pagina que «na sessão publica de 24 de Junho de 1819, o Secretario Geral da Academia despediu-se dos seus companheiros, porque ia fixar

residencia no Brazil». Esse secretario era então um homem de cincoenta e seis annos. Nascera em Santos, no Brazil; mas educara-se na Europa. Era homem de sciencia e de letras. Vivera em escolas, em universidades, em bibliothecas, em museus, em laboratorios: naturalista, era botanico, e biologista, e mestre de mineralogia; mas, entre longas horas de arduos estudos, sonhava e poetava; e, pastor da Arcadia, tangendo uma avena, e modulando suspiros de amor, rimava éclogas, que circulavam pelos outeiros literarios, com a assignatura de «Americo Elysio...». Chamava-se este homem José Bonifacio de Andrada e Silva. Já em 1819 imaginaria e sonharia elle, entre estas paredes, a autonomia da colonia portugueza da terra de Santa Cruz? Acredito que sim. Os melhores sonhos, os mais fortes e felizes apprehendimentos da vida humana são os da maturidade; os cincoenta e sete annos de José Bonifacio tinham de certo nutrido e germinado, na sua alma, a sua vocação de patriarcha. Seja como fôr, tres annos e tres mezes depois d'aquella sessão, era proclamada a independencia do Brazil, em Setembro de 1822; e a mais viva centelha criadora d'aquella revolução foi o nacionalismo de José Bonifacio. Mas não havia, entre o secretario da Academia de Lisboa e o Chefe do Governo de Pedro I no Brazil, incompatibilidade nem contradicção. Fundador de uma nova patria, o nosso pro-homem não renegava a metropole, amamentadora do seu espirito. Não havia naquelle apartamento um gesto da repulsa de uma criatura ingrata, affrontando o seu criador, no primeiro dia de uma nova criação. Era um di-

reito e um dever, a necessidade da conservação própria e da continuação da raça, o cumprimento da missão consciente do filho maior, emancipado do patrio poder, formando um lar novo, em que perduravam o nome, a religião e a honra do lar primitivo... E hoje, noventa e quatro annos depois, um outro Brasileiro, humilde e pequeno, vem falar a Portugal, nesta mesma Academia em que soava a nobre voz do grande Brasileiro, que foi vosso secretario e irmão. Reata-se a tradição; e a historia das duas nações permanece una e indivisa.

Senhores, em verdade o meu nacionalismo é filho do meu tradicionalismo. Quero que a minha patria se orgulhe da sua historia. Diz um inepto brocardo que as nações felizes são as que não têm historia. O que quer dizer: as que nunca tiveram guerras, nem fomes, nem revoluções, nem terremotos, nenhum cataclysmo physico ou moral. Apagada e miseravel felicidade essa: a felicidade dos pantanos, na estagnação e no apodrecimento... Mas que nações puderam jámais viver, nessa estúpida bemaventurança? O soffrimento é a essencia e a razão de ser da vida. Nem os rudimentares acampamentos barbaros da antiguidade, nem as mais obscuras aldeias selvagens de Africa, nem as mais ignoradas tabas do alto Mato Grosso, nem as mais remotas galerias dos castores e as mais negras tocas das formigas no fundo da terra podem lograr vida sem soffrimentos...

Não quero que a minha nacionalidade tenha uma vida sem passado e sem provações. Não quero que ella viva como essas plantas inferiores, que subsistem sem gloria e sem

martyrios, — como as algas errantes sobre as aguas, sem lar; como as aeróbias, que se nutrem do ar, sem tentaculos de nutrição; como as epiphytas sem alicerce proprio, agarrando-se a rochas asperas; como as parasitas, que, hospedas importunas, se alimentam de seiva alheia, vegetando sobre outros organismos generosos... Quero que ella seja uma d'essas grandes arvores, de longas e profundas raizes, aferando-se no mais remoto e secreto seio da terra, no amago do sólo consagrado pelos tempos, regado pelo suor, fecundado pelas lagrimas, lavrado pelo sacrificio de muitas gerações de trabalhadores. Quero que a sua cõpa livre, autonoma, soberana, alargue no amplo céu a sua mocidade e a sua independencia; mas quero tambem que, com a sadia verdura das suas folhas, com a formosura das suas flores, e com o sumarento viço dos seus frutos, ella reconheça a força do humus da terra de que se fez a sua seiva, e abençoe a nobreza dos seculos que a robusteceram.

Bem sei que comprehendereis e acolhereis com animação estes sentimentos e estas palavras. Não estarieis aqui, se não fosseis, como eu, amigos do passado.

Houve, na antiguidade, recessos religiosos, longe da animação das cidades, no seio de valles desertos, que se chamavam «bosques sagrados»: o de Dódona e o de Epidauró, na Grecia, e o de Vesta e o de Egeria, em Roma. Eram destinados ao culto das musas e das tradições, ás Camenas e ás Memórias, asylos de meditação e de saudade. As Academias de hoje são bosques sagrados, votados, como os antigos, ao estudo do presente e do passado, á

ficção e á sciencia, ao serviço da intelligencia pela philosophia e á perfeição moral pela historia. E ennobrece-as cada vez mais a ancianidade que as sustenta.

A Academia Brasileira é nascida de hontem: foi fundada em 1896. Mas já tem um passado de que póde ufanar-se: congenere e filha vossa, já póde chamar sua a herança dos cento e trinta e sete annos de vida e de trabalho que a vossa conta. A Academia Brasileira, ao nascer, quiz affirmar a sua filiação, e os seus sentimentos de fidelidade á cultura portugueza: estatuiu que, dos vinte lugares de seus membros correspondentes, dez sejam sempre occupados por homens de letras de Portugal. Os mais illustres representantes da vossa literatura têm sido consagrados pela nossa eleição. E o nosso carinho tem preenchido com justiça os claros que a morte abriu na lista. A citação dos nomes dos correspondentes actuaes mostra que sabemos amar e chamar fazel-as nossas: Theophilo Braga, prodigioso e feliz operario, que, na abençoada velhice, tem a fortuna de ver acabado o monumento de mais de trinta volumes, que o seu esforço levantou em honra das letras e da civilização de Portugal; Guerra Junqueiro, poeta de colera e de ternura, de ira e de meiguice, em cuja alma ha sarças de fogo em que troveja um deus, e moitas floridas em que sonham rouxinóes; Candido de Figueiredo, forte architecto do «Diccionario Contemporaneo», continuador mais venturoso de Costa Macedo, Pedro José da Fonseca e Bartholomeu Jorge, vossos academicos do seculo XVIII, martyres

da lexicographia; Alberto d'Oliveira, poeta e prosador de raro brilho, estrenuo advogado da união das duas Academias e das duas patrias; Eugenio de Castro, ardente cantor da Belleza e do Amor, em cujos poemas passam todas as formosuras femininas, do esplendor fascinante da sensual «Belkiss» á portugueza suavidade da pura «Constança»; Antonio Correia de Oliveira, o apóstolo dos «Autos», das «Parabolas», das «Orações», centelha viva da terra, emanação natural do piedoso Portugal; Jayme de Séguier, o fino orchestrador dos «Adagios e Allegros» e chronista valoroso, que ora defende pelo «Jornal do Commercio» do Rio de Janeiro a causa da cultura latina; Antonio Feijó, a musa pastoril das «Lyricas e Bucolicas» exilada para as brumas da Escandinavia; e Carlos Malheiro Dias, alma tecida de entusiasmo e de brandura, a quem, sobre tantos livros de verdade e de sonho, deve a lingua portugueza essa obra prima de humanidade e de misericordia, que se chama «A paixão de Maria do Céu». Outros nomes illustres, outros próceres vivos das vossas letras, historiadores, poetas, novellistas, criticos, não pertencem ainda á Academia Brasileira, só porque, infelizmente, a lei academica não permite a criação de novos lugares. Mas vivem todos elles, na admiração e no affecto que lhes votamos.

E, senhores, tendes gentilmente estimado e fidalgamente retribuido a nossa amizade. Ainda ha poucos mezes, chamastes á vossa communhão o Presidente da Academia Brasileira, Ruy Barbosa, fulgor do Brazil, honra de toda a America, mestre entre todos os que prezam o idioma de Camões.

De mim, que poderei dizer-vos? A lembrança do meu nome, a minha eleição, e a alta dignidade que ora me daes são bem pesadas e comprehendidas pelo meu criterio. Não condecoraes propriamente o poeta, que é pobre, e o homem, cuja unica virtude é a sinceridade. Honraes em mim, accidentalmente, o Brazil e a poesia brazileira.

O mais valioso agradecimento, que eu vos possa exprimir, é a formal promessa do assiduo trabalho com que sempre collaborarei comvosco. Disse-vos, ha pouco, que me não apresento a vós como hospede passageiro. Repito-o. Não desejo que de mim guardeis apenas aquella recordação das visitas fugazes, de que falavam os velhos Romanos: «*memoria hospitii unius diei proetereuntis...*» Pretendo ficar aqui, residente, se não em presença real, ao menos em espirito constante, em continua preoccupação. Ainda de longe, pensarei em vós, e pensarei comvosco. Serei um dos menores sacerdotes do culto que nos congrega: o da nossa historia e da nossa lingua. E, á mingua do brilho que vos não posso dar, poderei dar-vos o fervor da minha crença e a honestidade do meu labor.



Theophilo Braga, Guerra Junqueiro, An-
tônio de Oliveira, Alberto de Oliveira, Ant-
ônio Feijó, Eugênio de Castro, Jayme de
Figueira, Moacides de... e Cantalho de
Figueiredo.

AOS HOMENS DE LETRAS DE PORTUGAL

No banquete offerecido pela
revista «Atlantida». Lisboa. 31
de Março de 1916.

Senhores. Um escriptor portuguez, João de Barros, e um escriptor brasileiro, Paulo Barreto, depois de ter inventado muitas paginas de encantadora literatura, tiveram um achado geographico: encontraram essa mysteriosa *Atlantida*, nunca marcada no roteiro dos navegadores, mas sempre sonhada e vagamente citada por historiadores e cosmographos de ardente imaginação. Uma ilha, ou um archipelago, ou um continente, terra nebulosa, nebulosamente apontada nos fantasticos mapas de mythographia... Um unico dado preciso apparecia em todas essas indecisas citações: aquelle esquivo torrão deveria existir no meio do Atlantico, a oeste de Gibraltar. No Atlantico, a oeste de Gibraltar? — por consequencia, entre a Europa e a America, entre Portugal e o Brazil...

Para homens de sciencia era pouco: mas, para dois poetas, foi bastante: não é o primeiro, nem será o ultimo dos milagres da poesia. O facto é que foi descoberta, abordada e conquistada a *Atlantida*, em cujo seio verde

e risonho os dois Colombos plantaram o seu pavilhão estrellado, tecido de sonho e de arte.

Novissimo continente moral, de amor e de defesa, *Atlantida* liga o velho e o novo, e une principalmente Portugal e o Brazil, as duas patrias eternamente irmãs. Este banquete, de que sou apenas pretexto, é um dos instrumentos do vasto programma da admiravel revista.

Todo o resto de vida que ainda terei no mundo, e uma outra vida nova que me fosse dada, não me bastariam para que eu pudesse pagar-vos, em gratidão e devotamento, a vida de que me opprimis. O que hontem me foi dito, na Academia das Sciencias, e o que acabo de ouvir, nesta sala, é um universo que a minha alma não póde conter. Ao Brazil entregarei as vossas palavras e os vossos beijos. A toda a minha patria, aos meus companheiros de trabalho, aos homens que dirigem a nação, a todos os que vivem e labutam nas cidades tumultuosas e nos sertões pacificos; a todas as almas que estão criando, em esforço, em soffrimento, em esperança, a grandeza do nosso futuro, direi que Portugal, neste supremo instante de fervor patriotico e de luta sagrada, estende ao Brazil, através das aguas immensas, os seus braços, a sua alma, toda a sua infinita confiança e todo o seu infinito amor.

Permitti, senhores, que eu não dissipe estes minutos de divina gloria em palavras inuteis de agradecimento vulgar.

Não desejo que esta reunião seja apenas um «outeiro», como os que se realizavam nos pateos dos conventos, na éra mais brilhante

do Elmanismo, torneios frivolos, em que mo-tes e glosas lampejavam sem ter idéas e mor-riam sem deixar lembrança. Somos felizes, in-tensamente felizes, porque vivemos este cyclo heroico; e ainda mais felizes seremos os que não tivermos fechado os olhos sem ter assistido ao epilogo do drama, sem ter visto as revolu-ções politicas, sociaes e artisticas, que, nasce-rão, em florações sublimes, d'esta tragica se-menteira de sangue e de gloria. Aproveitemos a boa fortuna que nos é dada! Não sejamos, agora, unicamente, *trovadores* sentimentaes, como aquelles que, em lingua de *oc*, rimavam sonetos e pastoraes innocentes; sejamos tam-bem *troveiros*, como aquelles que, em lingua de *oil*, se dedicavam á alta poesia lyrica, ao estro épico, ao louvor dos heroes e dos gran-des gestos da bravura e da bondade. Não desejo que deste ágape se diga que foi um arremedo do «Banquete de Platão», formosas mas futeis divagações socraticas sobre o amor... Nesta época, a arte pela arte seria uma monstrosi-dade moral. Ermaram-se todas as torres de marfim: todos os verdadeiros poetas, todos os depositarios da chispa divina saíram dos seus asceterios entre nuvens, e baixaram á espla-nada em que se decidem os destinos da huma-nidade.

Se não podemos estar ao lado dos que se batem nos campos da luta, pensemos, me-ditemos, e empenhemos a força da nossa alma em cogitações dignas d'este momento.

Falemos da vossa literatura, que e a mi-nha, espelho vivo; e vivo resumo de toda a nossa civilização. Falemos do futuro da nossa raça.

A vossa literatura é um rio soberbo, estendido no leito do tempo, pelo curso prodigioso de sete seculos. Vejo-o, tremulo fio de agua, brotando das humildes taliscas da agreste rocha da Idade Média, sepultada na floresta da barbaria brava e intonsa, desordenadamente viçando sobre as ruinas dos templos da civilização romana devastada: — os primeiros trovadores portuguezes, as lendas medievaes, e Vasco de Lobeira, — o admiravel «Amadis de Gaula», onde já transluzem as grandes virtudes da raça, a força e a generosidade, a furia e o lyrismo, o desinteresse e a fidelidade da cavallaria andante. Adensa-se o arroio, e já o seu caminho se bifurca: e o idioma portuguez separa-se do castelhano. Nascem os poetas palacianos e os primeiros historiadores... Logo depois, engrossado, expande-se o ribeiro, liberta-se do ergastulo da selva nativa, esplende ao livre sol, retrata na toalha liquida o infinito azul do céu. E' a éra classica: tres seculos de fecundidade e de magnificencia: os quinhentistas, os seiscentistas, os árcades. A's margens do curso risonho, rebenta uma flora suave. Bernardim Ribeiro, alma formosa, sorri. Todo o valle, em cujo fundo deslisa a corrente fresca, resôa; cornamusas e charamelas enfeitam o ar com a sua harmonia ingenua; povoam-se os prados de bucolistas, de novellistas da cavallaria, de rimadores de pastoraes. E' a idade da graça e da innocencia, a primavera da lingua, a puberdade da raça. Mas, em breve, o rio, mais demorado, remansa-se e espraia-se; mais grave é a sua voz, e majestoso o seu fluxo; parece que o seu vigor se concentra, aprestando-se para proxima crise. E' o meio

dia, o trabalho depois do devaneio, o pensamento depois do sonho. Gil Vicente funda o theatro; surgem os autos e as farças; e Sá de Miranda, Ferreira e a Pleiade dão sangue e fibra ao idioma já feito. E eis-a, de repente, a crise... O terreno levanta-se, alcantila-se, suspende-se, e escava-se. É a massa formidável das aguas roda no ar, cascadeia em resaltos rutilantes, precipita-se em mós atroadoras, ganha o espaço em pulos, em rugidos, em remoinhos, em vórtices, e rebôa, e desaba, e cae, no auge da força, no supremo poder do sangue e do genio: é Camões, que enche o seculo. A calma, em seguida, e o remate e o polido da obra: os seiscentistas, o culteranismo, e a Arcadia; as tragi-comedias, e as comedias; o apuro da idealização, o apogeu do classicismo, o latinismo de Filinto Elisio, a metrica incomparavel de Bocage. Opulenta, a corrente ainda mais se enriquece, recebendo o tributo dos affluentes do Romantismo francez, como antes acolhera o subsidio dos acorrentes da Renascença italiana: os dramas romanticos, os romances de ardente amor, a poesia dos ultraromanticos, o tradicionalismo de Herculano, o nacionalismo de Garrett, e, depois, o naturalismo de Eça, e êmfim, o moderno lyrismo de João de Deus e Guerra Junqueiro... Hoje, estamos na foz immensa, no radiante estuario. Alongo os olhos para todos os lados, e não vejo raias no horizonte sem fim. Vejo apenas as aguas... E vejo-vos, admiro-vos e amo-vos, meus mestres e meus irmãos, que sois as ondas cantantes e triumphantes d'este glorioso rio da nossa civilização!

Infelizmente, houve um momento, em que, á tona d'estas aguas puras, boiou uma vegetação verdeneira, estendal de sargaços venenosos. Foi a literatura da ironia, mãe da descrença e do impatriotismo. Amaldiçoada e sinistra, esta germinação de hervas damninhas! A ironia é, ás vezes, nobre e criadora, quando, nascida da revolta de um grande amor maltratado, é fundamentalmente temperada de piedade e amassada de amargas lagrimas de sangue. Mas a perversa ironia vulgar, a ironia mordaz, fria, consciente e calculada, sem soffrimento, sem choro, sem gritos, — essa maldade de matar pelo envelhecimento gradual; sarcástico, infecundo, estiolador de toda a crença, toda a esperança e toda a bondade da communhão, — essa ironia é um crime torpe, que não pode obter perdão nem misericórdia...

Mas rejubilemo-nos! A phase ignobil passou. Fatalmente devia passar. A duração longa de tal molestia seria a senectude nacional irremediavel, o marasmo, e a morte; e uma nação, — todo um povo forte, toda uma raça no pleno viço do outono, — não poderia ser sacrificada por um bando de loucos amoraes, sem coração e sem genio. Porque os ironistas relapsos e os irreductiveis sem patria nunca são homens de coração e de genio. Os grandes homens, e os homens ao menos equilibrados não deixam o seu espirito naufragar nesse desastre sem honra. A's vezes, uma perversão passageira pode extravial-os: mas a intima consciencia e o natural pudor arrancam o seu talento e a sua dignidade do tragadouro imundo. Ouvi dizer algumas vezes, que Eça de Queiroz, o maravilhoso ourives da nossa lin-

gua, meu bem-amado mestre, foi um ironista desamoravel do seu paiz e dos seus irmãos... E' falso! A sua ironia foi aquella que é dolorosa e santa, aquella que fere para curar, aquella que magôa mais o magoador do que o magoador. Mas acceitemos que, accidentalmente, des-enraizado pelo exilio, elle tenha deixado, por algum tempo, sem trato e sem culto o seu nacionalismo. Se o peccado existiu, a redempção foi completa e admiravel. Porque, antes de morrer, Eça de Queiroz teve a fortuna de deixar esse definitivo poema de graça e de ternura *A Cidade e as Serras*, em cujas ultimas paginas o seu grande espirito, depois de matar todos os ridiculos do exagerado estrangeirismo e da desmoralizadora desnacionalização, entoou o seu extremo suspiro de bom filho de Portugal, num hymno incomparavel de adoração e de meiguice á belleza do seu céu, á bondade da sua terra, á generosidade do seu solo, ao carinho das suas arvores, á franqueza e á honra dos seus homens, e á misericordiosa e purissima brandura das suas mulheres.

Dissipou-se o pesadelo. Varramos de nós a lembrança d'essa literatura, que nasceu e morreu sem ter vivido. A nossa literatura, aqui, e no Brazil, é hoje nacionalista, e será nacionalista. Na vastidão do seu dominio, o rio soberano recorda e venera as suas origens, e, essencialmente, sente-se o mesmo fio de agua nascente, o mesmo arroio infante, o mesmo ribeiro adolescente que foi outr'ora.

Os vossos poetas e os nossos poetas querem ser da sua terra. Que poderemos valer, se todo o nosso valor não vier do valor da nossa terra? O director da *Atlantida*, João de Bar-

ros, — este generoso poeta, que me dá hoje a ventura de dar-me a vossa companhia e a vossa amizade, — deu a um dos seus lindos livros de versos, um titulo, que é uma bandeira e uma profissão de fé: *Anteu*. Que força espantosa alimentava o corpo d'aquelle gigante, filho de Neptuno e da Terra? Podia Hercules subjugal-o, quando o levantava do solo. Mas, quando os seus pés tocavam o chão, o lutador ganhava novo alento; revigorava-o a Terra; o contacto do seio materno tornava indomavel o seu corpo e divinizava o seu espirito. Só é grande homem quem é bom filho.

A moderna literatura, portugueza não é apenas um templo de arte: é tambem uma escola de civismo. Na poesia, no romance, no drama, a alma nacional está enchendo cerebros e corações. Os exemplos são tantos, que a citação é impossivel. Basta a indicação de dois artistas, ao lado dos quaes tantos outros resplandecem e perduram: entre os menos novos, Henrique Lopes de Mendonça, esse nobre historiador-poeta, que transplantou para o palco a vida de tantas paginas dos annaes do paiz, e, entre os mais novos, Julio Dantas, o admiravel escriptor da *Patria Portugueza*.

No Brazil, esta mesma corrente sagrada liga todos os verdadeiros homens de letras, dignos da profissão e do nome. D'aquelle immenso territorio, revestido de espessas florestas, — outras florestas moraes estão viçando, novas gerações literarias, nutridas de intenso brasileiro. A historia e o «folk-lore», a natureza e a imaginação, a graça da terra e o estudo das fontes da nacionalidade dão seiva áquellas selvas de belleza. Dois nomes basta-

riam para enriquecer toda uma literatura: o de Alberto de Oliveira, o glorioso artista das «Meridionaes» e dos «Poemas e Sonetos», meu guia e meu conselho, — e o de Coelho Netto, meu querido irmão, prodigioso romancista, pintor e poeta dos nossos sertões. Já temos tres seculos de cultura e de patriotismo. Crentes e confiantes, encaramos sem receio os seculos e seculos que engrandecerão a nossa patria.

Mas, Portuguezes e Brasileiros, não sejam apenas artistas, e bons artistas; sejam educadores, e bons educadores. Somos nós os legitimos depositarios da nossa civilização. Demos o nosso carinho, o nosso conselho, a nossa direcção aos talentos que se estão formando e aos que têm de nascer. Devemos dizer-lhes: «Sede *vós*, sede a vossa terra! Sede *vós*, e não sejaes imitadores dos outros; sede *vós*, nos assumptos da vossa idealização; e prezae a vossa língua, respeitando-a, e libertando-a de feios aleijões, do calão pesado que a deshonra, e dos estrangeirismos inuteis que a sobrecarregam!»

Não sou inimigo irreconciliavel de todos os peregrinismos, porque amo e admiro enxertos formosos, que possam opulentar e alindar o nosso idioma. Mas o exaggero é sempre hediondo. As linguas são como as mulheres: vestidas com pureza e simplicidade, são enlevo para todos os olhos artistas e para todas as almas finas; mas, como cortezãs ou idolos barbaros, arreadas de ouropéis vistosos e untadas de cosmeticos enganadores, são apenas agrado para sentidos grosseiros e instinctos baixos. Tambem não sou purista extremado, de um

purismo que se abeire da caturrice. Será ridiculo que os nossos netos falem e escrevam exactamente como falaram e escreveram os nossos avós; tambem seria ridiculo que o nosso estilo de hoje fosse a reproducção fiel do estilo dos quinhentistas. Mas se o thesouro do vocabulario, o movimento das locuções, o rythmo das phrases podem e devem ser variados e aperfeiçoados, — a syntaxe, que é a estrutura essencial do idioma, é perpetua e immutavel.

Digamos isto aos nossos continuadores. Digamos-lhes ainda: que somos latinos, e que queremos ser latinos em nossa descendencia. E, para isto, pelo exemplo e pela lição, pré-guemos a decencia do pensar e do dizer, a graça, a justeza e a sobriedade — virtudes maximas do genio latino.

E, senhores, estas palavras — o genio latino — devem transportar-nos, em espirito, para os campos heroicos, em que milhões de homens estão lutando e morrendo em favor do nosso ideal. Não é sómente a sua propria vida e a sua propria independencia que a França e as suas alliadas estão salvando. Estão em jogo a existencia e a liberdade, a honra e o futuro de todas as nacionalidades, disseminadas pela Europa e pela America, nascidas da antiga civilização do Mediterraneo, irmanadas pela arte e pela philosophia, e ligadas pela affinidade dos idiomas brotados do tronco do Lacio...

Saudemos Portugal e o Brazil! Mas não nos separemos hoje, sem que os nossos corações se voltem, unidos num mesmo affecto e

numa só esperança, para os exercitos aliados,
para todos os soldados anonymos, para todos
os heroes obscuros que, em torno de Verdun,
defendem a gloria e a força perpetua da Gran-
de Loba, nutriz da nossa cultura!



AOS ESTUDANTES MINEIROS

Em Belo Horizonte. 24 de
Agosto de 1916.

Meus amigos. Em vós, na vossa mocidade, no vosso entusiasmo, beijo a terra de Minas, coração do Brazil.

Cada um de vós deve ser um alfobre sagrado, bemdito viveiro de idéas, em que se germinem as vivas sementes, aquecidas pelo altruismo dos vinte annos, e transplantadas depois para outros canteiros mais vastos. Acolhei as minhas palavras, e espalhae-as sobre todos os corações mineiros!

Vinte e dois annos da minha vida decorreram entre o dia, em que vi pela primeira vez estas paragens, e este dia de reconhecimento e de saudade. O reconhecimento é de intenso jubilo, e a saudade é suave, sem travor de desconsolação. E' como se eu revisse, alta, frondosa, de fastigio verde alastrado no céu, de galhos amplos alegrados pelas flores, uma planta, que já vira pequena e fraca, ensaiando a vida; é como se agora me deslumbrasse, com a graça forte da puberdade, a mulher, que já aos meus olhos se entremostrára na primeira infancia, no indeciso rebentar da existencia... As saudade punge no reencontro, quando as ruinas da alma do espectador se casam com as ruinas do espectáculo; triste é o regresso, quando

o mesmo estrago fez o tempo na alma, que lembra, e na arvore ou na criatura, que se desfolhou da fecundidade e da belleza. Mas, quando a velhice apenas existe no corpo e no espirito do que regressa, e quando o passo dos annos, em vez de matar ou enfraquecer, cresceu e revigorou o objecto da saudade, — a saudade é uma piedosa resurreição ficticia para o forasteiro que retorna. Tal é o sentimento consolador, que me enternece, neste dia delicioso; revendo Bello Horizonte, rejuvenesço.

Era ao cair de uma tarde de janeiro de 1894. Depois de viajar algumas leguas do sertão mineiro, vindo de uma romaria historica a Santa Luzia do Rio das Velhas, theatro do epilogo da guerra civil de 1842, cheguei a estas planicies esplendidas; vadeei o ribeirão dos Arrudas; saudei de longe o pico da serrania, que topetava as nuvens de ouro; e descortinei o amphitheatro em que hoje sorri a vossa capital.

A immensa arena brava abria-se para o oriente, encostada, ao sul, á lombada do Cúrral, e, ao norte, á da Contagem. O sol deixara no ceu o cruor do seu holocausto. Um dobre da sino embalava a tarde. Uma doce melancolia enfeitiçava o ar. E, com as primeiras sombras, entrei o povoado, estirando no centro do chapávão a haste longa e as traves curtas da sua edificação em T, pequeno burgo de cem fogos. As ruas rudimentares eram quatro: a de Sabará, a de Deodoro, a do Capão e a de Congonhas. Uma praça larga, mal achanada, com um alto cruzeiro de madeira, rasgava-se em frente á igreja tosca. Perto, á volta da aldeia, algumas culturas e alguns cortumes, tes-

temunhando o trabalho da gente simples; e, longe, moldura immensa, os matagaes brenhosos, os montes asperos, Santa Cruz, Lagoa Seca e o Acaba. Mundo...

Doce saudade! Mas não venho contar-vos esta reminiscencia apenas como desabafo da minha vida sentimental, simples impressão litteraria. Esta visita é, para a minha esperança de brasileiro, um tonico, e, para a minha confiança, uma affirmação. Como duvidarei das energias essenciaes do meu povo, se venho hoje encontrar estas avenidas, estes palacios, estas fabricas, estas escolas, este trabalho, esta alegria, neste mesmo lugar, em que, ha vinte e dois annos, achei um lugarejo humilde, um campanario obscuro, quasi corujeira anonyma entre montanhas brutas? Uma scentelha de coragem bastou para operar este milagre...

Quando se alastrar por todo o Brazil o incendio salvador, em que se congregarem todas as faiscas dispersas que relampejam na alma brazileira, outras maravilhas, outros prodigios dramatizarão a nossa vida, precipitando-a para apotheoses de heroismo. Não desdigo nem desminto a indignação que me inspirova, ha um anno, quando eu falava aos vossos irmãos de São Paulo. O mal, que nos adocece, continúa a minar o nosso organismo: a doença é inveterada, e a cura será longa. Mas nunca houve desesperação na minha revolta. Creio, espero, confio. Uma rajada de entusiasmo sopra sobre o Brazil; a ventania saneadora varrerá todas as tristes paixões e todos os baixos interesses.

A Liga da Defesa Nacional, fundada no Rio de Janeiro, é patrocinada pelos mais bellos

nomes do paiz, entre os quaes o meu apenas serve para realçar, pela sua pequenez, a grandeza dos outros. Verdadeiros estadistas e politicos, educadores, juizes, juriconsultos, velhos servidores do Exercito e da Marinha, commerciantes, industriaes, agricultores, publicistas, representantes de todas as classes produtoras e dirigentes estão á frente d'esta alliança de vontadès, centro de conselho e persuasão, de estímulo e conforto. Pacifistas, sempre queremos e prérgaremos a paz; mas, sentindo e medindo os perigos externos e internos, que nos rodeiam, procuraremos dar força armada á nação, dando segurância á sua paz e á sua felicidade. Anti-militaristas, não arrastaremos o paiz a megalomanias de orgulho bellicoso; mas celebraremos a tradição do heroismo, que nos deu respeito e brilho na phase épica do Imperio; e, ao contrario de inventar e fortalecer uma casta privilegiada de militares, emprehenderemos que o Exercito seja o povo e o povo seja o Exercito, de modo que cada brasileiro se ufane do titulo de cidadão-soldado. Apoiaremos pela convicção e pela tolerancia, sem violencias de regulamentos, sem demasias de expressão, o sorteio militar, lei benigna, que não desorganizará o labor e a ventura dos lares. Estimularemos e esclareceremos o patriotismo individual. Organizaremos e animaremos batalhões de linhas de tiro e de escoteiros. Pele-jaremos por uma intensa e constante diffusão de instrucção primaria e profissional. Daremos ás mãos de cada professor e de cada estudante, de cada patrão e de cada operario, de cada official e de cada soldado, um catecismo civico. Trabalharemos, emfim, para o trabalho,

para a liberdade, e para a honra de todos os brasileiros.

Vinde comnosco, moços, que amaes a vida, e deveis preparar a grandeza e a dignidade da vida futura do Brazil!

D'aqui, vos convido a uma contemplação magnifica...

Na manhã seguinte ao dia da minha chegada a esta zona mineira, ha vinte e dois annos, subi ao Acaba Mundo, por uma vereda agreste, que colleava entre os caminhos de Lagoa Seca e Santa Cruz. Cheguei a mil metros de altura, e fartei os olhos da paizagem barbara e majestosa. A um lado, empinava-se a montanha alcantilada, vestida de selvas. Do outro lado, estendia-se o valle; e, depois do valle, outra serra, e outros valles sem conta, e outras serras sem numero, serras e serras azuladas, espumando em neblinas, como vagalhões de um oceano sem termo... O infinito enchia os meus olhos, e entontecia-me. E comprehendí, então, a felicidade do epitheto geographico d'esta localidade.

Guardae este nome — Bello Horizonte. Conservae-o, titulo immutavel para vossa capital. E não seja elle sómente um titulo, mas um symbolo e uma preocupação constante. Que a grandissima perspectiva rasgada ao vosso olhar suggira ás vossas almas outros alargamentos soberanos, novas extensões augustas, novos páramos para o exercicio da vossa anciedade e para a vossa ambição nacional. Além do circulo maximo apparente, que termina a abobada celeste, além da linha circular sensivel, em que imaginamos o contacto da terra e do céu, além do horizonte racional, que a as-

tronomia determina e mede, ha um outro horizonte, moral e invisivel, sem limites e sem medida, — o futuro: é o dominio, que só pode ser devassado e conquistado pelas almas que creem e querem.

Galgae com o pensamento, devorae com o sonho as distancias de espaço e de tempo, que se abrem á vossa mocidade e ao vosso patriotismo! o bello horizonte da gloria está patente e livre para o vosso vôo... Libertae-vos de vós mesmos! O Brazil é pobre, é fraco, é triste? Sede ricos de abnegação, e elle será opulento. Sede fortes de civismo, e elle reventará em energias. Sede alegres, e elle vibrará no largo riso dos que, tendo a consciencia da sua força, tem a paz e a justiça!



OS ESCOTEIROS

Na Academia Mineira de Letras. Bello Horizonte. 26 de Agosto de 1916.

Senhores. Esta recepção cordial, o vosso favor e a vossa benevolencia alegram o meu coração de homem de letras e de brasileiro. O que mais prezo e estimo não é o louvor excessivo, com que me honraes, explicavel, não pelo pouco merecimento meu, porém pela grandeza da vossa bondade. O que prezo e estimo altamente é o admiravel brilho da intelligencia brasileira e a fervorosa religião pela nossa lingua, que venho encontrar nesta immensa região do Brazil.

Ha poucos mezes, na Europa, na Academia das Sciencias de Lisboa; hontem, e sempre, na minha assidua frequencia á Academia Brasileira, no Rio de Janeiro; e hoje, na Academia Mineira, o que me tem orgulhado e orgulha é a segurança da larga extensão do dominio do nosso idioma. Dominio, que ainda não é perfeito, porque a verdadeira diffusão de uma lingua não é a que se calcula pelo numero das bocas que a falam, bem ou mal, mas pela quantidade das intelligencias cultas que a empregam, pela somma dos homens conscientes que a leem e escrevem. Completo senhorio será o da nossa lingua, quando a instrucção tiver arroteado a multidão dos trin-

ta milhões de cerebros que vivem nesta terra. Ha de vir esta perfeição, e virá pela competência e pela pertinacia d'aquelles que, como vós, lutam por guardar a possessão já existente, e alargal-a e aperfeiçoal-a.

Sois defensores do nosso idioma. Admiravos e abraço-vos. Não condemno a criação de varias Academias regionaes, nos varios Estados do Brazil. Antes applaudo e exalço. O regionalismo literario não desorganizará a unidade da literatura, como não perturbará o regionalismo politico a unidade da patria, comtanto que estas duas especies de autonomia respeitem a existencia de um laço forte e apertado, que dê cohesão á federação: uniformidade judiciaria, economica e civica para a federação administrativa, e uniformidade idiomática para a federação intellectual.

Defender a lingua nacional é defender a independencia e a fortuna da nação. E, para que todas estas condições essenciaes do nosso progresso material e moral efficaçmente sejam sustentadas e robustecidas, é preciso que todos os nossos homens de grande alma, philosophos e poetas, sejam educadores.

Permitti que me aproveite d'este feliz encontro amavel para que hoje, no recinto d'esta Academia, em vez de offerecer-vos devaneios de mera literatura, eu peça a vossa attenção e o vosso carinlio para uma das faces do vasto problema complexo da nossa educação. Não sois egoístas cultores do feiticismo verbal, sacerdotes malabaristas da religião da palavra pela palavra. Sois verdadeiros artistas. Sois pensadores. Sei que vos agradarei, convidando-vos para alguns minutos de pensamento util.

O escotismo será o meu thema, explanado em phrases simples e sincera commoção.

A escola dos escoteiros, uma das cellulas primarias do organismo da educação civica e da defesa nacional, tem um objectivo que se resume em breves linhas.

E' a educação completa dos adolescentes. O escoteiro, desde que se inicia no tirocinio, anda, corre, salta, nada, monta a cavallo, luta, defende-se, maneja armas; mantem-se num constante cuidado do asseio do corpo e da alma; afasta-se da pratica de todos os vicios; adquire noções de physica, chimica, botanica, zoologia, anatomia, geographia, topographia, astronomia; orienta-se pelo sol, pela posição das estrellas, pelo relógio, pela bussola; manuseia o thermometro e o barometro; mede o caminho que percorre; estuda os mappas; sabe accender o fogo e cozinhar; faz acampamento, recebe e transmite communições pelos telegraphos Morse e Marconi, por meio de luzes, de signaes por bandeiras e pelos gestos dos braços; instinctivamente aprende tactica e estrategia; pode efficaamente soccorrer feridos e victimas de quaesquer desastres; alimenta e desenvolve os seus nobres sentimentos; abomina a mentira; reputa sagrada a sua palavra de honra; é disciplinado e obediente; é cortez, considera como irmãos os seus companheiros; ampara as mulheres, os velhos, os enfermos; oppõe-se á crueldade sobre os animaes; é economico, mas condemna a avareza; respeitando a propria dignidade, respeita a dignidade alheia; é alegre; esforça-se por dizer claramente o que sente e exactamente descrever o que vê; pensa, raciocina, deduz; e, emfim,

conhece a historia e as leis do seu paiz; é patriota, e estimula a sua iniciativa.

Basta isto, para que se veja que, no escotismo, se inclui todo o ensino da infancia e da adolescencia, como o comprehendia Platão, dizendo: «a educação tem por fim dar ao corpo e ao espirito a belleza e toda a perfeição, de que elles são susceptiveis», e como o concebia Spencer, professando: «a educação é a preparação para a vida completa». Esta admiravel escola ao ar livre abrange todos os pontos, que se contêm no programma da moderna pedagogia. Primeiro, a instrucção physica: a conservação ou o restabelecimento da saude, pela hygiene e pela medicina, e o desenvolvimento normal e progressivo de todas as funcções do corpo, pela gymnastica e pelos jogos escolares.

Depois, a instrucção intellectual: o amestramento dos cinco sentidos, a percepção externa e a interna, a cognição e a experiencia; a consciencia, a personalidade, e a liberdade; a faculdade de conservação — a memoria; e as faculdades de elaboração — a attenção, a abstracção, a generalização, o juizo, o raciocinio, e a imaginação. Emfim, a instrucção moral; a sensibilidade, e a sua cultura; o amor proprio, o amor e o respeito da propriedade, do livre arbitrio, da independencia, da emulação; o altruismo, a benevolencia, a beneficencia, a amizade, a docilidade; o amor da patria, do bello e do bem; o brio, a coragem, a disciplina; e a cultura da vontade, e a formação do character. E este curso completo de adestramento é feito no seio da natureza, na

alegria da vida desportiva, pelo gosto proprio, pela pratica, pela lição das cousas.

O escotismo forma homens e, ainda mais, heroes. E' a heroicultura. Em cada escoteiro, no ultimo gráu da iniciação, existe um «age-nor», no sentido do vocabulo grego: homem de coração.

Ha pouco tempo, em São Paulo, um educador, o Sr. João Kopke, numa conferencia, lembrou que os antigos gregos davam aos ephebos, «sem ensino especial de civismo, meios de cultura propria, apenas por um programma limitado, entre os sete e os dezoito annos, formando uma boa e bella forma de homem, com a sua intelligencia, os seus sentimentos e o seu corpo trenados».

Não era aquelle ensino da ephebia o mesmo ensino que hoje damos aos escoteiros? Mais ainda: o juramento do escoteiro no primeiro gráu da iniciação, e os doze artigos do codigo do escotismo são uma reproducção approximada da affirmação, que os ephebos espartanos e athenienses prestavam, quando, perante os magistrados, recebiam a lança e o escudo: «Nunca aviltarei estas armas, nem abandonarei o meu companheiro na Tileira; combatarei pela defesa dos templos e da propriedade; respeitarei as leis; e transmittirei a minha terra propria, não só não menor, porém maior e melhor do que me foi transmittida».

Mas o juramento e o codigo do escoteiro têm mais larga e mais bella significação, do que a formula dos ephebos. A moral e o governo de Esparta e de Athenas tinham estreiteza e secura de egoismo.

Si quizermos dar ascendencia legitima, e fóros e brazões de alta nobreza á moderna criação do escotismo, deveremos radical-o na tradição medieval da Cavallaria Andante. O grande impeto de desapego, de liberdade, de coragem e de altruismo, que dispersou os cavalleiros andantes pelo mundo, foi o mais bello serviço da idade média. Os abusos da cavallaria não a mataram. Os exaggeros de uma virtude matam-se a si mesmos; e deixam viva e inalteravel a força de alma que foi exaggerada. Tambem, sobre o curso dos rios as cidades despejam todos os dejectos da sua vida; a agua, turvada e infamada, aceita com resignação a affronta; mas, em breve, libertada do contacto dos centros populosos, na sua incessante agitação, torvelinhando sobre o leito de pedra e musgos, expurgando-se com o banho do ar livre, abluindo-se em si mesma, é d'ahi a pouco a mesma lymphá immaculada, reproduzindo a clareza e a virgindade da nascente. Assim, o sentimento de honra, que inspirava os paladinos. Que era aquella instituição? Uma exaltação da alma, que a impellia para a gloria, para a justiça, e para o desinteresse: os heroes errantes eram bravos e prodigos, destemidos e puros; respeitavam e protegiam os fracos, defendiam as viuvás e os orphãos, subjugavam a tyrannia insolente, veneravam a mulher e davam ao amor um culto religioso... Morreram os abusos, mas a essencia sublime ficou.. Emquanto houver brio e bondade no mundo, sempre haverá cavalleiros andantes.

No escotismo — e é esta a sua maior e mais verdadeira belleza — a exaltação reves-

te-se de um distinctivo pratico, sem perder a sua poesia sublime. Na Cavallaria, ás vezes, a idéa da honra era vaga; a da generosidade, indecisa; a da abnegação, indeterminada; ás vezes, era o sacrificio perdido, a bravura sem proveito, a dedicação inutil. No escotismo, a idéa da honra define-se: é a honra do individuo, e a honra do cidadão; e o desinteresse e a magnanimidade não são apenas gestos formosos: são acções justas e uteis, — justas para a perfeição humana, e uteis para a grandeza da Patria.

Tal é, em suas linhas fundamentaes, a criação do escotismo. A vós, meus companheiros de trabalho literario, cumpre a tarefa da propaganda, da organização e da direcção, em Minas, da nova heroicultura, filha de Baden Powell.

Esta educação de alta poesia deve ser agitada e defendida por poetas.

Diz-se que o Brazil é uma terra de poetas. E isto é dito, ás vezes, com um desdenhoso franzir de labios e um ultrajoso dar de hombros... Aceitemos com prazer a affronta da ironia! Seja ella o nosso orgulho. Sim! Somos e queremos ser um povo de poetas! Antes poetas, que desanimadas machinas humanas; antes poetas, que interesseiros traficantes; antes passaros leves, ávidos de luz, tontos de sons e de perfumes, contentes de liberdade, insaciaveis de espaço e de brilho, que bácoros lerdos e lambazes, amigos do lameiro gordo, satisfeitos do gozo máterial! E que ha, no mundo, de nobre, de grande, de digno, de formoso, que não seja poesia? A vida, em si, é poesia; Carlyle disse que a vida humana é

um milagre: «nós tocamos o céu, quando tocamos um corpo humano»; e milagre, poesia divina, é a circulação do sangue, o mechanismo secreto do systema nervoso, a vida psychica, que infinitamente multiplica em idéas cada sensação dos nossos sentidos rudimentares. E a sciencia, todas as sciencias, desde a physica, descobridora das maravilhas do movimento e da luz, até a mathematica, mãe de numeros e de abstracções, são poesia. Poesia é a philosophia, mechanica celeste do universo dos seres, dos principios e das causas, geometria e musica das fórmás e dos rythmos do pensamento...

O trabalho, deus criador; a agricultura, mestra amavel, que transforma arneiros estereis em paraísos de promissão; a industria, feiticeira engenhosa, transformadora das materias brutas em instrumentos da fartura e da felicidade; o commercio, medianeiro providente, que criou a navegação, inventou os transportes, e machinou a civilização, — são poesia. Poesia é a politica, quando, em vez de ser uma profissão de trampolineiros, é a arte e a sciencia de dirigir legiões de heroes, em vez de pastorear manadas de escravos. Tudo é poesia! Só não é poesia a preguiça moral, a mesquinharia de alma, a falta de coração dos que duvidam da crença dos outros, porque, indignos de viver, são incapazes de crer...

Sejamos um povo de poetas! E criemos gerações de poetas!

Tomae a peito a causa do escotismo. E lembrae sempre que o escotismo, sobre ser uma escola de força, de destreza, e de pa-

triotismo, é, principalmente, uma escola de honra. Diz um brocardo, numa expressão graciosa, que «o homem é filho da criança»; o que quer dizer que na alma da criança devem ser regadas as boas acções, que florescerão na mocidade e fructificarão na idade madura. A idéa da honra, abstracção sagrada, inclue em si muitas idéas: a da fidelidade, a do valor, a da equidade, a da responsabilidade, a do pundonor, a da indulgencia, a da confiança, a da firmeza de character. A honra é toda a dignidade, toda a personalidade moral. Dando a um menino, depois da força e da intelligencia, a honra, — esse menino será um homem perfeito. E uma patria só pode ser nobre e inabalavel quando a grande maioria de seus filhos é de homens verdadeiramente honrados, — honrados no lar e na vida publica, honrados como dirigidos e como dirigentes.

Se, com o nosso trabalho, depois da nossa morte, deixarmos gerações de homens perfectos, esses serão os nossos melhores versos, as nossas melhores paginas de historia, de ficção ou de philosophia. Que valem nós, pelo nosso trabalho literario? Em dois annos, ou em dois seculos, os mais fortes livros desfazem-se em pó, e os maiores nomes dissipam-se em nevoa... Mas valemos muito pelo que trabalhamos para o pensamento e o affecto dos nossos filhos. Da caudal da vida somos apenas ondas anonymas, ou gotas de agua, ou, menos ainda: flocos de espuma. Nada sabemos do mysterio da nascente, nem do mysterio da foz... Aparecemos, corremos, murmuramos, brilhamos, vivemos e morremos. Baste-nos isto... Abençoada seja a vida! Ao menos, um dia, um minuto,

um instante, fomos uma parcella, um raio de luz, um pouco da affirmação e da consciencia da maravilhosa torrente. Abençoada seja a vida, porque ella nos deu o pensamento e o amor: pensar é um supremo orgulho, e amar é uma incomparavel ventura. Abençoados sejam os nossos maiores, que nos deram esta patria livre e formosa! E abençoados seremos, se aos nossos successores entregarmos augmentada a herança: esta liberdade fortalecida em disciplina e esta formosura accrescida em gloria!



A' LIGA DA DEFESA NACIONAL

Instalação do Directorio
Central, na Bibliotheca Nacional.
Rio de Janeiro. 7 de Setembro
de 1916.

Peço permissão para poucas palavras — não um discurso — apenas uma singela nota, que explique summariamente os motivos d'esta primeira reunião.

O patriotismo e a influencia, a fé e a responsabilidade, a abnegação e o credito dos Srs. Pedro Lessa e Miguel Calmon conseguiram reunir-vos. Appellando para a vossa competencia, para a vossa sabedoria e para o vosso fervor patriotico, esses dois grandes Brasileiros viram coroado de triumpho a sua nobre iniciativa. A Liga da Defesa Nacional está fundada. Contendo representantes de todas as classes productoras e defensoras do paiz, este Directorio Central, se não congrega todos os grandes nomes do Brazil (o que seria impossivel), congrega alguns dos maiores, dos mais bellos e respeitados, alguns que já fazem parte do patrimonio moral da nossa terra.

Os dois organizadores da Liga, por um excesso de generosidade, que não posso explicar e não sei agradecer; além de associar o meu pobre nome aos vossos, quizeram dar-me esta suprema honra, investindo-me da dignidade de interpretar os seus sentimentos. Ousei aceitar

a incumbencia. Mas perdoareis, de certo, o meu atrevimento, attendendo a estas attenuantes: a simplicidade, a clareza, a brevidade do que vou dizer.

O paiz já sabe, pela rama, o que esta Liga pretende fazer: estimular o patriotismo consciente e cohesivo; propagar a instrucção primaria, professional, militar e civica; e defender: com a disciplina, o trabalho; com a força, a paz; com a consciencia, a liberdade; e, com o culto do heroismo, a dignificação da nossa historia e a preparação do nosso porvir.

O intuito principal dos que nos animam é este: a fundação de um centro de iniciativa e de encorajamento, de resistencia e de conselho, de perseverança e de continuidade para a acção dos dirigentes e para o labor tranquillo e assegurado dos dirigidos.

O patriotismo individual, a crença pessoal, a consciencia propria nunca estiveram ausentes do maior numero das almas brasileiras. Mas esses sentimentos oscillam e vacillam numa vaga dispersão; e, nessa mesma dispersão deploravel, perdem-se e dissipam-se os esforços isolados. A extensão do territorio, a pobreza das communicações, o acordo pouco definido de uma federação mal comprehendida, a mingua da ventura em muitos sertões desamparados, a inopia da instrucção popular sustentam e aggravam esta desorganização. A descrença e o desanimo prostram os fortes; o descontentamento e a indisciplina irritam os fracos; a communhão enfraquece-se. E' tempo de protestar e de reagir contra esse fermento de anarchia e essa tendencia para o desmembramento.

O protesto e a reacção estão nesta Liga, cujo titulo é claro e synthetico. A defesa nacional é tudo para a Nação. E' o lar e a patria; a organização e a ordem da familia e da sociedade; todo o trabalho, a lavoura, a industria, o commercio; a moral domestica e a moral politica; todo o mecanismo das leis e da administração; a economia, a justiça, a instrucção; a escola, a officina, o quartel; a paz e a guerra; a historia e a politica; a poesia e a philosophia; a sciencia e a arte; o passado, o presente e o futuro da nacionalidade.

Todo este programma vasto e complexo não pode ser estudado e esclarecido pela minha palavra incompetente. Fundada a Liga, devemos hoje confiar-vos esta missão altamente nobre. Pedimos ás vossas luzes um estatuto para a Liga, e um corpo de doutrinas e de exemplos, de boa palavra e de boa acção, que sejam guia e conforto para o Governo e para povo. A's vossas mãos entregamos toda a segurança do Brazil.

Quizemos que esta primeira reunião do Directorio Central se realizasse neste dia. Assim celebraremos, sem solennidade, mas com o simples e sereno respeito dos verdadeiros crentes, o anniversario da Independencia. E quizemos que esta celebração se fizesse neste lugar, — a casa dos livros, o templo das idéas, — cerebro do Brazil.

Na minha consciencia, e na humildade da minha fervorosa esperanza, acredito que este dia será, para a nossa historia, o complemento e o remate da obra de 7 de Setembro de 1822. Inaugura-se hoje a victoria da inteira e verdadeira independencia da nossa nacionalidade.

Recebei com carinho a Liga da Defesa Nacional, criação de Pedro Lessa e Miguel Calmon. Deus vos inspire, e a patria vos abençoe!



AO RIO GRANDE DO SUL

Na sessão de recepção da
intendencia Municipal de Porto
Alegre. 1 de Outubro de 1916.

Srs. Presidente e membros do Conselho Municipal, Sr. Intendente, minhas senhoras, meus senhores.

Falando a vós, falo a todo o povo rio-grandense.

Quando ha tres dias, avistei o Rio Grande do Sul, senti que toda a sua alma sorria, abrindo-se para acolher a minha visita. O littoral do vosso Estado espelha e reproduz a lhanza do vosso espirito. Quem vê, pela primeira vez, do alto mar, o aspecto da immensa costa, já se sente seduzido e chamado. Sem contrafortes de desconfiança, sem asperezas de repulsa, as praias serenas e baixas, lizas e claras, rasgam-se e offerecem-se: ha na sua alvura um carinho, e na sua suavidade um convite...

Esta primeira apparencia illude, tanto na vossa região, quanto no vosso temperamento. Esta suavidade, na configuração da costa, não é facilidade, e, na vossa vida, não é fraqueza. Bem o comprehendí quando, enfrentando a entrada da barra, pasmei diante da surpreendente fabrica do porto, herculeo trabalho, titanica architectura: ahí verifiquei a real hostilidade da natureza, disfarçada, á distan-

cia, pela doçura enganadora, e, sobre essa rude dificuldade, sobre a dureza da terra e das aguas, a admiravel força, a imperturbavel tenacidade, com que lutastes e lutaes para criar e manter a riqueza do torrão em que viveis.

E' que a verdadeira força é sempre temperada de brandura. Nas cousas e nas almas, a real energia é sempre tranquillã e sorridente.

Da cidade do Rio Grande até aqui, contemplei o espectaculo espantoso do labor, que testemunha a grandeza do vosso patriotismo e da vossa coragem; e, ao lado d'isso, gozei o constante favor da vossa bondade, já experimentada pelo meu coração durante o caminho, agora augmentada e exaggerada nesta tocante manifestação, com que me captivastes. Quizestes, esta manhã, receber-me, nas ruas, com a alegria do vosso povo, a frescura das vossas flores, a formosura das vossas mulheres e o desempenho dos vossos soldados; e, agora, neste palacio da cidade, quereis receber-me, e honrar-me supremamente, com a palavra encantadora de um dos vossos maiores poetas.

Não sei agradecer dignamente esta ddiva de amor fraternal. E não quero desperdiçar em expressões sem calor a intensa commoção que me domina. E' melhor que o meu olhar, nublado de gratidão, carregado de ternura, mudamente pouse sobre vós, numa benção reverente. E estimareis que, fugindo á vulgaridade dos agradecimentos, eu prefira dizer-vos, com simplicidade, o verdadeiro motivo d'esta minha visita a esta cidade e a este Estado.

Não venho aqui prégar o patriotismo e o civismo, que já aprendestes em dois seculos de valor. A vossa historia, riograndenses, é um continuo tecido de heroismo, viva trama de provações e de exaltações. Desde a fundação do primeiro forte e primeira povoação na foz do Rio Grande, no meado do seculo XVIII, até hoje, a vossa alma tem sido nutrida de lutas, estimulada por contrariedades, orgulhecida por victorias, sempre agitada e trabalhada. Seria ridiculo que a minha presença e a minha palavra pretendessem criar aqui o entusiasmo e a confiança.

O que me impelliu a viver alguns dias comvosco foi a certeza da grande repercussão de tudo quanto se diz e de tudo quanto se faz nesta extrema região do Brazil. O que aqui praticaes é olhado, escutado e admirado em todo o resto do paiz. Algumas das vossas virtudes são tradicionaes e modelares: fartura e disciplina do povo, coragem e ordem na organização social, firmeza e modestia na administração; e a consciencia publica, que aqui se enraizou, não permittiu que longas convulsões partidarias destruíssem, nem ao menos perturbassem fundamente a vossa harmonia politica e economica. Vindo a vós, venho pedir que do seio do vosso povo nasçam e cresçam legiões de apóstolos. Sáiam professores e conselheiros, da multidão de fortes e de conscientes que já sois!

Conheceis como eu, e, melhor do que eu, podeis medir e pesar o valor e a difficuldade da obra que empreendemos os fundadores da Liga da Defesa Nacional.

Falei ha pouco, com ardente admiração, da construcção do porto do Rio Grande. Bancos moveiços peregrinavam pelo fundo das aguas, numa perfida agitação, aqui e alli semeando tropeços e ciladas, embustes e sorvedouros, enleando e tragando os navios des-governados. O trabalho humano affastou esse constante perigo. Duas leguas de muralhas de pedra, defrontando-se, impedindo a invasão das areias erradias, adarvando de policia e de segurança a estrada liquida que communicava o vosso dominio com o resto do mundo, oppuzeram-se ás arremettidas do pertinaz inimigo, invisivel e implacavel. E vidas e poses, almas e mercadorias, transporte de ouro e de pensamento, trafico de interesses e de affectos, prosperidade e paz, nutrição e liberdade, riqueza e conforto, commercio e industria, lavouras e familias, sociedade e governo — tudo isso foi libertado, defendido e sustentado pelo genio e pela perseverança do homem...

Esta conquista já feita pode ser trazida como simile e incentivo para a estupenda empreza moral, que queremos levar a cabo. Ha na alma do povo brasileiro, como em certos trechos do oceano mysterioso, bancos traidores, baixios insidiosos, areias fugitivas e assassinas, correntezas desencontradas e esmagadoras; são esta falta de unidade de patria, esta ausencia do sentimento da communhão, esta escassez da nossa instrucção, esta penuria do nosso armamento bellico e moral, esta miseria da nossa cohesão e da nossa disciplina, e outras tantas multiformes ameaças que nos cercam e espiam. De onde vêm, para onde vão estes

vagos escolhos errantes, estes indefinidos cursos de aguas e de ventos? e onde, e como, e quando baterá contra estes riscos, desviando-se contra elles, perdendo-se contra elles, desgraçando-se contra elles, o roteiro da nossa vida de nação? Não o sabemos. Sabemos apenas que, em torno de nós e dentro de nós, ha choques possiveis e naufragios em perspectiva. A nossa impotencia, o nosso descuido, a nossa indiferença seriam um crime de lesa natureza, um suicidio ignobil e infamante...

Que fazer, contra a possibilidade do desastre e da ruina? — armar o Brazil, e defendel-o: e, no campo moral, em maravilhosas proporções de vontade, em prodigiosas progressões de intensidade de coragem e de paciencia, reproduzir, em favor da patria, este mesmo trabalho que, no campo physico, foi lançado e acabado na foz do vosso grande rio: a construcção de uma immensa e gloriosa muralha circular, guardando o sagrado páramo, em que circula a nossa historia, — o passado com as nossas tradições, o presente com as nossas incertezas, o futuro com as nossas esperanças: muralha inexpugnável, plantada no patriotismo, argamassada de instrucção, cimentada de disciplina, inabalavelmente firmada na gloria de crer e na honra de querer!

Tal é, senhores, o programma da Liga da Defesa Nacional; tal é o nosso sonho e a nossa ambição. Entre vós, governadores da nobre cidade de Porto Alegre, e deante do povo da capital d'este glorioso Estado, para a alma criadora e generosa do Rio Grande do Sul levando o meu coração, como uma hostia, arrendo em amor e sangrando em esperança.

Riograndenses, mais do que nunca, o Brazil precisa hoje de vós, e confia em vós. Já sendo crentes, sede aposto!os! Já sendo soldados, sede instructores! heroes, filhos e netos de heroes, criae novas legiões de heroes! e continuae, augmentae, multiplicae infinitamente o vosso heroismo, em favor da unidade, da força, da defesa, da paz e da gloria do Brazil!



AO POVO RIO-GRANDENSE

Em Porto Alegre. 2 de Outubro de 1916.

A vossa calorosa sympathia é para mim uma animação.

O applauso de uma turba indisciplinada só pode agradar á ambição e á vaidade de demagogos sem escrupulos; mas o estímulo consciente, o apoio raciocinante, quando partem de um povo forte e educado, inimigo da anarchia, são uma recompensa consoladora para os homens sinceros e leaes, guiados na vida por um ideal superior, governados pelo desinteresse.

Conheço-vos, e quero que me conheçaes.

O povo riograndense é fanatico da liberdade, mas hostile á desordem, á descrença, aos desmandos dos nihilistas, que, com o nome de liberdade, encapotam a licença, e, com o pretexto da reconstituição radical da sociedade, mascaram o amor da destruição. Já muitas vezes, no decurso de dois seculos de existencia social, affirmastes a vossa independencia; e muitas vezes, para defendel-a derramastes o vosso sangue, arriscando os vossos lares, a vossa propriedade e a vossa vida. Mas sempre, nessas crises de febre, o sentimento, que alimentava a vossa coragem e a vossa colera, foi o da conservação do nome e da dignidade

do paiz e o da salvaguarda dos vossos credos politicos, e nunca o da annullação da idéa da patria, o do aniquilamento da harmonia social sacrificada ao imperio das cubiças ou dos despeitos individuaes. Conhecendo-vos, acolho com o mais vivo desvanecimento esta prova de affecto.

E sabeis que sou digno da vossa estima. Nesta campanha em favor da unidade e da honra do Brazil, dou tudo e nada peço. Nenhum interesse proprio inflamma o meu trabalho. Não espero, nem quero, e nunca acceitarei paga nem favores; nem cargos, nem posições, nem lucros, nem conquistas de mando; de popularidade, de dinheiro ou de honrarias. O que ambiciono é que todos os filhos da nossa grande terra sejam homens dignos da humanidade e Brasileiros dignos do Brazil; e que em todos elles viva, palpite, fulgure esta chamma de fé e de esperança patriótica, que guardarei inalteravelmente no meu coração, até o ultimo dia da minha vida.

Agradecendo a vossa bondade, quero ainda affirmar que não sou militarista, nem inimigo da paz. Não quero que o Brazil se fortaleça para orgulhos e crueldades de guerra. Quero que elle seja disciplinado e forte, não para atacar, mas para apparelhar-se em constante defesa, e para que a disciplina e a força deem a todos os seus filhos musculos e alma, vigor e pensamento, saude e consciencia, energia e bondade, alegria e ventura, paz e patriotismo.

Hontem, falando ao nobre Conselho Municipal d'esta cidade, disse que d'este povo glorioso sairão apóstolos para esta cruzada de

civismo. Quero agora, em contacto directo convosco, repetir e accentuar a expressão d'este intuito.

Sáia hoje d'aqui, da multidão que me ouve, um pioneiro, um propagandista: e, amanhã, propagandistas e pioneiros serão cem, e, depois de amanhã, serão cem mil. Ha na historia do Rio Grande do Sul um episodio, que mostra como o heroismo de poucos heroes é capaz de se multiplicar em geneses de novos heroes: é a conquista dos Sete Povos das Missões. E' um documento de incomparavel belleza a «Memoria» que escreveu, sobre esta guerra, o chefe da expedição, o capitão de milicias Gabriel Ribeiro de Almeida, — curto e radiante poema de singeleza tocante e de espartana serenidade, que começa por estas simples palavras: — «José Borges do Canto e eu, com quarenta homens, fizemos a conquista dos Sete Povos das Missões, do modo que vou referir....» Eram, de facto, quarenta os companheiros de Gabriel Ribeiro e Borges do Canto, quando tomaram a guarda de São Pedro; dias depois, apresaram Santo Ignacio e São João Mirim, e, com a adhesão dos indios libertados, já eram trezentos e quarenta; affrontaram, depois, São Miguel, e, antes da investida, já eram mil; e, quando assaltaram e ganharam São Lourenço, São Luiz de Gonzaga e Santo Angelo, já eram um exercito...

Se é assim possivel este prodigio do apostolado para as conquistas da força e da guerra, como poderemos duvidar da sua possibilidade para as conquistas do bem e da justiça?

Porque esta cruzada, senhores, é de bem e de justiça. Não pretendemos arrastar o povo

brazileiro a violencias de ataques e de usurpação. Queremos leval-o, pela persuasão e pelo exemplo, ao sentimento nobre e justo da defesa propria, e, depois, ao amor, á fraternidade, á felicidade da communhão; queremos dar aos quasi 30 milhões de homens que povoam a nossa terra esta suprema posse e esta incomparavel ventura: a posse da consciencia nacional, e a ventura da conservação da unidade que nos foi legada pelo sacrificio dos antepassados.

Para esta sublime^o expedição de paz e de gloria, assistiremos ao divino milagre da multiplicação dos heroes. Do vosso seio romperão exercitos de bondade.

A minha alma de brasileiro confia no povo do Rio Grande do Sul!



O NEGRINHO DO PASTOREIO

Na Academia de Letras do
Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
4 de Outubro de 1916.

Renan, com o seu fino estilo e a sua piedosa ironia, disse que, se ha Paraiso, ou Campos Elyseos, ou Tartaro, ou que nome caiba á mansão dos espiritos desencarnados, — estes espiritos devem, na sua nova e definitiva morada, reunir-se em grupos harmonicos, de accordo com as suas tendencias e as suas affinidades moraes: de modo que haverá cenaculos no céu, como na terra, onde geometras confabulem com geometras, poetas versejem com poetas, e grammaticos contendam com grammaticos... Este gracioso dito é apenas uma figura litteraria, explicando e justificando bem a teimosia das nossas inclinações. Aqui, sobre a crosta do nosso planeta, conservamos até á extrema velhice os nossos habitos, effeitos da gymnastica da nossa alma: e é provavel que em outras vidas guardaremos as mesmas vocações, que temos nesta vida.

Assim, hoje recebido por vós, nesta Academia, que tratarei comvosco, senão litteratura? Litteratura trataremos, mas não litteratura ociosa e van.

Litteratura não é apenas philologia e poesia, rhetorica e esthetica: é todo o pensa-

mento e toda a palavra, todas as paixões e todas as idéas, todas as fórmulas, todas as cores e todas as harmonias da vida: «é a consciencia da humanidade», como a definiu Sainte-Beuve. E, como a humanidade é a ampliação da Patria, é força que cada literatura nacional seja a consciencia da nação. Cada Academia de Letras é um Campo Elyseo na terra; aqui, nestes remansos da vida commum, os nossos espiritos até certo ponto se desencarnam das contingencias materiaes; aqui pensamos e sonhamos, e aqui nos confinamos na existencia mental... Mas, sendo homens, como abandonaremos as paixões, os amores, as tristezas, as incertezas, que todos os outros homens sentem lá fóra? Ainda reclusos na meditação e no estudo, somos sempre da Terra, e da nossa terra.

A literatura, que aqui praticaes, é a boa literatura. Todos os vossos livros, que já li, trazem a luz e o aroma do vosso ar e dos vossos campos. A vossa historia e os vossos costumes, a alma da vossa terra e da vossa gente, poesia da natureza, e poesia do povo, vivem nas paginas, que tendes imaginado e publicado. E' o melhor louvor que vos posso dar. Exalto e abenço o vosso nacionalismo literario. Não vos contaminou o vicio da arte dissolvente, em que pontificam distribuidores de palavras ôcas, professando que o talento pode reinar sem o patriotismo, como sem a moral. Homens de letras, sois os mesmos homens simples, amigos da vossa gente, e cidadãos na vida corriqueira e na vida da arte, cidadãos entre os vossos filhos e entre os vossos livros, nos lares que fundastes com o vosso

affecto, e nas obras de ficção, que apparelhas-tes com a vossa intelligencia.

Se, agradecendo as boas palavras de animação que me dirigistes, venho entreter-vos de assumpto que não é de pura technica litteraria, é porque sei que a vossa literatura é flor e fruto do vosso patriotismo. E sei tambem que o vosso povo vos escuta com carinho e vos lê com confiança... Dizei-lhe, senhores, que elle deve, como vós, persistir no seu culto regionalista, amando o seu torrão, e cada vez mais se integrando no culto nacionalista, na adoração da unidade da patria. E dizei-lhe que, para os povos dignos, como para os individuos nobres, a mais bella das virtudes é a do desinteresse.

Ha no vosso «folk-lore» uma lenda admiravel, distinctivamente vossa, talvez a mais legitima de quantas alimentam a poesia popular d'esta região. E' a do «Negrinho do pastoreio».

Não sei dizel-a, com a cor e a vida local que lhe deu o vosso illustre e mallogrado confrade Simões Lopes Netto... Procuro reproduzil-a, de cór, em breves palavras. Escravo humilde, o pobre pequeno era propriedade de um estancieiro rico e avaro. Este, e um filho d'elle, tão malvado como o pae, maltratavam o servo, comendo-o de trabalhos, mirrando-o de fome, desesperando-o e martyrisando-o. Encargado de pastorear, por trinta dias, trinta tordilhos negros, o Negrinho adormecera. Ladrões tresmalharam a cavallhada: o pequeno pastor perdeu o pastoreio, e, espancado e pisado, foi mandado a «campear o perdido». Valeu-lhe a Virgem, sua madrinha, e restituiu-lhe o rebanho.

Mas o filho do fazendeiro, perverso, enxotou os cavallos de novo, e o misero perdeu de novo o guardado. Exacerbado pela colera, o senhor amarrô o desgraçado, retalhou-o a relho, e atirou-o, morto, posta de carne em sangue, ao fundo de um formigueiro.

Passaram-se tres dias e tres noites. Na manhã do quarto dia, o algoz foi visitar a cova, em que jazia o Negrinho: e viu-o vivo, de pé, nimbado de sobrehumana luz, lindo e sereno, no meio da tropa dos tordilhos negros; e, sobre elle, pairava no céu a Virgem, que o abençoava... Diz o povo que o «Negrinho do pastoreio» ainda hoje vive por ali, em campos e restingas, em banhados e rios. E' um genio generoso, um anjo bom, perpetuando-se em bondade e generosidade. E' elle quem acha e descobre os animaes extraviados, os objectos perdidos, as posses roubadas. Assim; o infeliz pastorzinho, paga depois da môrte, em beneficios, os soffrimentos que recebeu durante a vida...

Acredito, senhores, que ha em todas as lendas e fabulas do povo um fundo de verdade: porque em cada lenda vive um symbolo, e em cada fabula palpita uma lição. O povo tem uma poesia e uma philosophia, um raciocinio e um genio inventivo, um bom senso e um senso renunciador, que nascem, viçam e fructificam sem cultivo. O povo tem a mesma fecundidade e a mesma espontaneidade da terra. Nesta lenda, não vejo apenas um recreio da imaginação popular. Esta magnifica e piedosa creatura de ficção, que é o martyrio generoso em força bondosa e tormento acendrado, desabrochando em abnega-

ção, — é talvez um symbolo do passado e do futuro do Rio Grande do Sul.

A mais bella das virtudes é a do desinteresse. O Rio Grande do Sul, de todos os trechos da terra brasileira, é talvez o que mais tem soffrido em lutas pela liberdade e pela dignidade da nação em guerras, em favor da formação da nossa soberania. Já elle nos salvou, a todos nós, em dias tristes. E não sabemos se outros dias tristes surgirão para nós... Não vejo, contra o Brazil, perigos immediatos, que possam a breve prazo perturbar a nossa paz. Todos amamos a paz, que é a protecção do trabalho, a condição essencial da felicidade, a honra da civilização, e a nobilitação da especie. E acredito que ardentemente, como nós, amem a paz os nossos vizinhos, que, felizes e ricos de territorio e de trabalho, de searas e de celleiros, de população e de gloria, não podem nutrir o monstruoso desejo da guerra. Fraternalmente os estimamos e confiamos na retribuição d'esta amizade. Mas tudo é possível, na perpetua contradicção da vida dos individuos e das nações; e outros riscos podem apparecer para nós, vindos de mais longe, ou ainda nascidos de nós mesmos, das nossas desintelligencias, ou dos erros dos que nos governam. Quem sabe? Já vos devemos bastante; e, um dia, se perdermos ou estivermos arriscados a perder um pouco da nossa liberdade ou da nossa honra, — talvez será o Rio Grande do Sul quem readquira o perdido, como aquelle genio bemfazejo dos vossos campos...

A vossa literatura é uma força. Já a aproveitastes para a cohesão e a consciencia dos riograndenses: colligindo e catalogando as len-

das do povo, os contos singelos e as ingenuas trovas dos vossos campinos, e, depois, com o vosso talento e a vossa cultura, estabelecendo em romances e poemas os varios aspectos do trabalho, das lutas, do amor, do enthusiasmo de toda a vida da população, — de certo modo criastes a existencia moral da sociedade em que viveis, porque a fixastes em belleza artistica. Deveis agora aproveitar esta força para uma multiplicação de cohesão e consciencia, — para o trabalho da unidade da patria. Professae e pregae, em todas as paginas que escreverdes, este principio: a riqueza, o progresso, a ventura de cada um dos factores da federação não devem ser unicamente inventados e augmentados para o engrandecimento proprio, mas para o engrandecimento do Brazil.

Senhores, guardarei no meu coração a memoria do affago com que me recebeis. Já vos amei, de longe; ainda mais vos amo, encontrando no vosso olhar, na vossa voz, no vosso trato intimo, o mesmo calor de ideal e a mesma franca bondade que achei nos vossos livros; e ainda mais vos amarei, se louvardes e estimardes em mim, não o poeta, que talvez eu seja, mas o homem simples e sincero, que quero ser, um bom brasileiro, um bom amigo da vossa pequena terra formosa e da nossa immensa e querida terra.

AOS ESTUDANTES DO RIO GRANDE DO SUL

Porto Alegre. 11 de Outubro
de 1916.

Decidindo esta minha visita ao Rio Grande do Sul, deliberei logo que algumas palavras minhas vos seriam dirigidas. Já aos moços estudantes de São Paulo e de Minas abri o meu coração cheio de sustos e esperanças; e, como a elles e a vós, ainda pretendo falar aos vossos irmãos de outras capitães do sul e do norte do Brazil, se lograr vida e saúde para esta peregrinação que me rejuvenesce e consola.

O presente, ás vezes, entristece-me: já não posso esperar prodigios de coragem e desinteresse da maior parte da gente da minha geração, amadurecida e envelhecida no olvido do civismo. Na vossa terra, não ha motivo para que a minha alma se desanime: aqui a facilidade das communicações, a abundancia do trabalho, a intensidade do povoamento favoreceram a riqueza natural e a organização economica; a vizinhança proxima de outra raça e de outro idioma, e o espectaculo constante de uma mistura de outras raças e de outros idiomas no seio do vosso dominio estimularam o vosso nativismo e robusteceram o vos-

so orgulho; isto explica o vosso adeantamento, e a igualdade da vossa condição social, de modo tal, que não é possível afirmar aqui a existencia de um verdadeiro sertão, no sentido pejorativo, de uma zona bruta tocando e contrastando com a zona civilizada. Mas o Brazil é grande. E nesta grandeza, que me amedronta, nem sempre se encontram a felicidade e a consciencia, que aqui se evidenciam. Em muitos pontos, a escassez do trabalho, a pobreza e o desamparo do povo, e a indifferença ou a maldade dos mandões deixaram immensos tractos cobertos de matas incultas e de populações apathicas. Dos responsaveis d'esta miseria já não é possível que venham redempção e remedio... Porém tudo é possível exigir do verdor e do calor das almas que desabrocham á vida. Por isso, é aos moços principalmente, que prégo. Nelles confio, nelles renasço, nelles me alegro, — depositarios do futuro, predestinados para dias de maior alegria.

Alimentei durante muitos annos no meu coração o desejo de ver o Rio Grande do Sul. Desde menino, quando comecei a amar o Brazil pelo estudo da nossa geographia e da nossa historia, comecei a admirar especialmente este trecho da nossa terra, este confim da nossa nacionalidade e da nossa lingua, — campo limitrophe, em que se bateram e defini-ram duas metropoles, duas colonias, e, depois, tres povos e tres patrias. Enthusiasmou-me a leitura dos vossos annaes, em que sopra um largo vento de liberdade e arde uma continua chamma de heroismo. Mais tarde, depois de conhecer o vosso passado, conheci o vosso pre-

sente; e, tratando e amando, durante a minha mocidade e a minha idade madura, muitos filhos do Rio Grande do Sul, senti o meu amor alargado e enraizado por vós.

Conheço-vos bem. Sois bravos; e a bravura é a nobreza das almas fortes; sois generosos, e a generosidade é inseparavel da verdadeira bravura; sois ousados, e a ousadia, impulso da iniciativa, é uma clara virtude da força e da intelligencia. Se sois, ás vezes, rudes, — a vossa rudeza, sendo um excesso da franqueza, é apenas o recato com que disfarçaes a bondade; e se, ás vezes, sois um tanto quichotescos, — não vos envergonheis d'este defeito, se é que é defeito este exaltado impeto, com que, logo á primeira assomada do brio, arrancaes á mão-tenente contra a injustiça real ou apparente que vos irrita: porque, no fundo de todo o homem leal existe um Quichote; e o quichotismo sincero sempre é mais nobre do que um pancismo interesseiro e medroso...

Conheço-vos bem. Saudando-vos, moços, que tão liberalmente me recebeis e acolheis, saúdo todo o Rio Grande do Sul, todas as vossas cidades da campanha e da serra, rumorejantes de escolas e de fabricas, e todos os vossos campos cobertos de lavouras e de rebanhos, e toda a vossa gente leal e simples, amorosa e sonhadora, hospitaleira e dadivosa, em que revivem a independencia e a bondade dos primeiros pastores e arvicultores da alvorada da civilização humana.

Sei que amaes ardentemente este sólo que pisaes, este ar que respiraes, e as tradições de nobreza de alma que os vossos maiores vos

legaram. O que peço e ambiciono é que este vosso amor constantemente se alargue e funda, abrangendo, além das raias do vosso dominio de unidade da federação, toda a immensa patria, que precisa da vossa força material e moral. O Rio Grande do Sul é rico e feliz. Mas nem todo o Brazil é opulento e venturoso... Nos lares, em que as prendas naturaes ou adquiridas se não distribuem igualmente pelos irmãos, a unidade da familia exige que os mais dotados se sacrifiquem pelos menos favorecidos. A nossa federação é uma familia ainda mal organizada. E devemos organizal-a pelo affecto: o amor tem uma força especifica e soberana, que vale máis do que a autoridade das leis da razão.

Amanhã sereis chamados á educação e á administração do vosso Estado. Lembrae-vos sempre este principio velho como a civilização, que já professava Aristoteles, ha vinte e dois seculos: «Toda a sociedade humana é uma associação de familias, cujo unico fim é conseguir uma cohesão capaz de inventar a felicidade commum.» Não sois sómente riograndenses: sois brasileiros. A terra em que viveis não pode suggerir-vos um estreito provincialismo, um amor nativo de curta envergadura. A vossa paizagem liberta a vossa intelligencia do captiveiro do egoismo. O raio moral, aqui, é graduado pelo raio visual. Entre as ramificações da vossa serra maritima, alargam-se leguas e leguas de varzeas sem fim, estendidas em planicies calmas, ou na suave ondulação das coxilhas: neste descampado, nasce a liberdade e viça o desprendimento. Não tendes deante de vós, nem dentro de vós,

a idéa de um torrão mesquinho, ambito parco de posse e de carinho onde o vosso coração se possa contentar com a unica ventura da riqueza avara e da solidariedade medida: a familia e o gado, os pagos e as lavouras, a mediania no pão e na dedicação. A força das azas está na razão directa do desdobramento do horizonte. Sentis bem que, para além das divisas do Rio Grande do Sul, está o Brazil. Sentis que a vossa terra não acaba alli nas aguas do Pelotas e do Uruguay, da barra de Mampituba ao Pepiry-Guassú. Amplia-se o vosso regionalismo e desdobra-se em nacionalismo; expande-se em patriotismo o vosso nobre orgulho domestico. Sentis que, como filhos de uma espalhada familia, deveis amar e defender a nutrição, a ventura e a dignidade de irmãos, que nunca vistes, mas que vivem no vosso coração: e pela consciencia da vossa força, e pela responsabilidade do vosso nome, sentis que, estando o Rio Grande do Sul dentro do Brazil, todo o Brazil está dentro do Rio Grande do Sul.

Sede brasileiros sempre! E, sendo instruidos, sede fortes; sede soldados do Brazil!

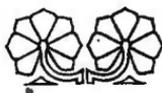
Procurando deturpar o que, ha um anno, disse aos moços de São Paulo, alguém inventou que indiquei o quartel como o unico laboratorio da regeneração do character... Nunca disse isto, porque, felizmente, não sou um espirito desvairado. Espirito desvairado é o que machinou esta necedade... Quero e sempre quiz a instrucção e a defesa do paiz pelos livros e pelas armas. Quero a escola dentro do quartel, e o quartel dentro da escola. A segurança das patrias depende da intelligencia e da força: o es-

tudo defendendo a civilização, e a disciplina defendendo o estudo.

Ha sempre um perigo nacional. As nações, como os homens, por mais robustas que sejam, estão sujeitas a doenças iminentes e traiçoeiras. A vida é uma estrada desconhecida, em que o viajante, a cada passo, adivinha uma surpresa e uma emboscada: em cada cotovello da trilha, apparece o monstro, que Edipo entestou no caminho de Thebas. A mais forte das nações da America, a grande Republica dos Estados Unidos do Norte, forrada de milhões e de fortalezas, abastecida de plantações, de fabricas, de escolas e de arsenaes, acaba de sentir no ar este perigo vago, este presentimento inconsistente, — rebate salutar, alarma benefico: e augmentou a sua defesa, e adarvou de novas forças de terra e de mar a sua nacionalidade. Se têm esta cautela as nações em plena saude, como não hão de tel-a as nações enfermas, como a nossa, enfraquecida pela ignorancia publica, pelo desprestigio dos governos, pela mingua de estadistas superiores, — extensissima e desarmada, desaconselhada e indisciplinada, arriscando-se á pobreza e á anarchia?

Disse Michelet um dia: «A França é um soldado!» De todas as nações deve dizer-se o mesmo. Cada nação deve ser um soldado sempre armado, sempre alerta, sempre vigilante: não um soldado de conquista, nem de terror, como uma ameaça constante contra o socego dos vizinhos e dos hospedes, mas um soldado de defesa, como uma constante segurança para o socego dos donos e dos amigos da casa.

Pelas vossas tradições, meus amigos, já podeis dizer que: «O Rio Grande é um soldado!» Esperemos que em breve, seguindo toda a nossa patria o vosso exemplo, possamos com razão dizer: «O Brazil é um soldado!»



O EXERCITO E A POLITICA

A' guarnição e aos estabelecimentos militares de Porto Alegre. 12 de Outubro de 1916.

E' infinitamente grata ao meu sentimento esta brilhante festa, offerecida pela officialidade da guarnição e dos estabelecimentos militares de Porto Alegre. Penhoram-me estas manifestações da amizade e da animação de tantos officiaes carregados de serviços ao paiz; e exalto-me em esperança e ardor, vendo e comprehendendo o enthusiasmo dos jovens alumnos do Collegio Militar, futuros defensores e protectores do Brazil.

Permitti que um amigo, humilde mas leal, do exercito brasileiro aproveite esta occasião, para accentuar a grandeza dos sacrificios que a nação ainda exige do vosso patriotismo.

Estamos vivendo momentos de intensa gravidade da nossa historia. Devemos falar-nos com firmeza, já que somos amigos.

Uma grande magua enchia o meu coração: a angustiosa sensação de um divorcio monstruoso, feito de equivocos e de desconfianças, começando a separar o nosso exercito do nosso povo. Divorcio monstruoso e incomprehensivel! Como poderia viver o paiz, com este cancro devorando o seu seio, — os soldados não amando aquelles que os sustentam

e devem glorificá-los, e o povo não amando aquelles que devem defendê-lo e honrá-lo?

E' inútil lembrar os motivos, de que se originou esta situação deplorável; não recordemos, na doce tranquillidade da convalescência, a tristeza da doença que nos abateu. E é dispensável, também, que mostremos e demonstremos os admiráveis symptomas, a innegável certeza da existencia d'esta convalescência, que já é cura. O exercito já se reintegrou no povo, como a propria força da alma nacional. E não esqueçamos que esta obra de harmonia, felizmente agora realizada, foi devida em sua maior parte ao genio do barão do Rio Branco, cuja memoria deveis guardar e venerar, — porque elle sempre foi um grande amigo vosso, e um grande defensor das vossas tradições.

Acredito que já está hoje definitivamente traçada a linha de um claro e liso roteiro para o nosso destino. Pelo sorteio militar, ou pelo processo que mais seguro e solido ainda se possa criar, — teremos o exercito que devemos possuir: não uma casta militar, nem uma profissão militar, nem uma milicia assoldada, nem um regimen militarista opprimindo o paiz: mas um exercito nacional, democratico, livre, civil, de defesa e de cohesão, que seja o proprio povo, e a propria essencia da nacionalidade affirmada em soberania popular e em consciencia civica. Como já disse, desejamos que «o que se chama «uniforme» seja realmente uniforme: a farda para todos; para todos, o dever, a honra, e o sacrificio».

Realizado este desejo, então, todo o trabalho machinado gravitará sobre este ponto de acção e direcção: o official.

O official é todo o exercito: é a alma, — toda a sensibilidade, toda a intelligencia, toda a vontade da corporação dos soldados. Cesar disse que «todo o homem tem no intimo um principio de calor e de impeto, que desperta e se accentua pelo movimento; mas só o official pode utilizar e aproveitar este natural impulso». Dezoito seculos depois de Cesar, Napoleão attribua ao influxo da força moral tres quartos da efficiencia militar, da qual apenas um quarto depende do factor physico.

Cesar e Napoleão falavam apenas do «successo» da guerra. Agora, o nosso exercito será, não uma escola de violencia offensiva, mas uma escola de consciencia defensiva, de paz altiva, e de civismo. E, aqui, ainda são mais necessarias, e ainda mais rigorosas devem ser as virtudes do official. No quartel, o official deve ser, como o professor na escola primaria: um sacerdote, um director de intelligencias e de caracteres.

Para que a sua acção moral seja efficaz, é indispensavel que elle seja um fanatico da sua profissão, exclusivamente dedicado ao seu mister, abnegadamente consagrado ao destino do seu sacerdocio.

Das diversões ou distracções, que facilmente se offerecem á alma do official, a mais perigosa é a do exercicio da politica.

Ha politica e politica. Ha uma, que pode e deve ser aberta á actividade de todos: é aquella que paira acima dos interesses privados e partidarios, acima da cubiça do mando e da vaidade, exercitando-se nobremente num plano superior, onde imperam a necessidade nacional e o interesse collectivo; nesta

já fostes admiraveis politicos, quando fostes politicos nas lutas da Independencia, na unificação da patria, na guarda do territorio e da nacionalidade, na abolição do captiveiro, na proclamação e na defesa da Republica.

Mas ha uma outra, que não é propriamente politica, e deve ser vedada ao vosso mandato. Como pode um militar, um verdadeiro conhecedor e um bom amigo da sua missão, trocar a sua independencia pela dependencia das transacções da politicagem; trocar a linha recta e indivisa que a investidura militar traça ao soldado, pela triste linha tortuosa que as ambições impõem ás camarilhas sem programma e aos corrilhos sem bandeiras; e trocar a sua moral integra e firme, fundada no dever, na disciplina, na justiça, por essas duas moraes parallelas da vida demagogica, — uma moral no lar e na vida intima e outra moral na vida publica, uma condemnando todas as traições na existencia domestica, e outra tolerando, aconselhando e praticando todas as mystificações e todas as deslealdades na existencia partidaria?

Felizmente, senhores, já visitei muitos quartéis, e já ouvi dezenas e dezenas de officiaes, em varios pontos do paiz; e sei que a immensa maioria da officialidade, desenganada das aventuras amargas do partidarismo, quer, animada de uma vontade inabalavel, dirigir e educar, com a consciencia do seu papel de directora e educadora, o novo exercito de cidadãos que queremos e esperamos possuir. Neste papel, sereis sempre grandes e bellos. E, emquanto eu vos encontrar firmes e heroicos nesta abnegada missão, — até ao meu ul-

timo dia de vida dedicarei a minha humilde sinceridade ao proposito da glorificação dos vossos serviços.

Conservarei na minha memoria um grande carinho por esta hora de intensa alegria civica. D'aqui sairei com a mais viva gratidão pela estima que me demonstraes e pela confiança que os vossos intuitos me inspiram.

Confiança, que me consola e me dá forças: vendo-vos e ouvindo-vos, já vejo uma Patria nova e admiravel, que renasce, e já ouço o hymno victorioso, que ha de acclamar, num premio e num agradecimento, a crença e a tenacidade de todos os que pelejam e pelejarem esta nobre campanha de patriotismo.

A's armas e aos corações dos nossos heroes devemos até hoje a unidade da patria: e do definitivo consorcio do povo e do exercito, inflammados do mesmo sentimento, identificados no ideal da «nação-armada», espera o Brazil radiantes éras de paz e de grandeza.



A LINGUA PORTUGUEZA

No Centro de Letras, em Curitiba, Paraná. 17 de novembro de 1916.

Meus companheiros. Sinto-me bem entre vós, no seio da minha familia de arte, como um filho da casa, que sempre esteve presente e assiduo no lar, embora corporalmente separado dos penates por leguas e leguas de terras e mares.

Não ha aqui, entre nós, escriptores do Paraná, ou do Rio de Janeiro, ou de qualquer provincia literaria do Brazil. E não ha aqui poetas que valham mais ou menos do que outros. Ha aqui escriptores e poetas do Brazil, artistas da mesma arte brazileira e nosso patrimonio commum. Somos reflexos reciprocos, porque pensamos e vibramos no mesmo ideal, uns vivendo dos outros, e todos brotando do ambiente em que nos movemos; somos todos a mesma luz, o mesmo halito, a mesma voz do meio em que nascemos e morremos, brilhando da luz do nosso firmamento, respirando o doce ar que as nossas florestas expiram, cantando e gemendo das musicas secretas, que residem em nossas montanhas, em nossos valles e em nossos rios.

Nesta deliciosa reunião, não falemos propriamente de nós, apenas como homens e como artistas. Falemos da lingua admiravel, que.

com o torrão natal, recebemos dos nossos maiores: d'ella falando, falaremos de nós todos, como Brasileiros, e do futuro e da segurança do Brazil.

Aproveitando esta feliz occasião, peço especialmente o vosso amor e o vosso cuidado para um dos fins da nossa Liga da Defesa Nacional: «promover o ensino da lingua patria nas escolas estrangeiras, e a criação de escolas primarias nossas, nos nucleos coloniaes.»

Esta propaganda é indispensavel aqui, no sul do paiz, no Paraná, em Santa Catharina e no Rio Grande do Sul.

A nós, homens de letras, impõe-se o dever da direcção d'este movimento.

O povo, depositario, conservador e reformador da lingua nacional, é o verdadeiro exercito da sua defesa; mas a organização das forças protectoras depende de nós: artifices da palavra, devemos ser os primeiros defensores, a guarnição das fronteiras da nossa litteratura, que é toda a nossa civilização.

E' indispensavel que, constantemente, seja defendido e protegido o nosso idioma. Já disse, um dia, e todos o comprehendem e professam: o maximo problema da formação da nossa nacionalidade é a assimilação dos elementos ádvenas, que estão fecundando e enriquecendo a nossa terra.

E' preciso fundir num corpo homogeneo todos esses atomos estrangeiros com os atomos indigenas. Não queremos e não podemos operar um milagre impossivel, transformando em brasileiros todos os immigrants, todos os forasteiros, que vêm trabalhar connosco: por-

que o seu patriotismo, tão sagrado como o nosso, deve ser intangível. Mas devemos querer que os filhos d'esses estranhos sejam nossos! Abrimos o Brazil a todo o mundo: mas queremos que o Brazil seja Brazil! queremos conservar a nossa raça, o nosso nome, a nossa historia, e, principalmente, a nossa lingua, que é toda a nossa vida, o nosso sangue, a nossa alma, a nossa religião!

Em grande parte, o vocabulario nacional é filho, não do homem, mas da terra.

Da lingua portugueza, que falamos e escrevemos no Brazil, ha milhares e milhares de vocabulos que não têm entendimento nem significação em Portugal: nomes de plantas, de animaes, de visões e apparencias da terra, do céu, do mar, de utensilios de guerra, de caça, de pesca, de lavoura, de navegação, de industria. D'essas palavras, legitimamente brazilicas, muitas são legados dos dialectos indigenas ou africanos: outras, porém, sem ascendencia real, sem raizes nos idiomas nativos ou importados, são verdadeiras invenções do povo e directas inspirações do torrão nacional, originadas da contemplação dos accidentes physicos do territorio, da luz e da cor do firmamento, da agitação dos rios e do oceano, do barulho do vento e das folhagens, do canto das aves, de todas as fórmãs e de todas as vozes do meio em que vivemos. Esse phenomeno, verificado e estudado por todos os philologos, apparece na formação de todos os idiomas.

Assim, a lingua faz parte da terra, e, em grande porção, é nascida da propria terra. Se queremos defender a nacionalidade, defendendo o solo, é urgente que defendamos tam-

bem, e antes de tudo, a lingua, que já se integrou no solo, e já é base da nacionalidade.

Meus companheiros, o Brazil precisa do trabalho e da dedicação de todos os seus filhos. Nós, homens de pensamento e de palavra, de intelligencia criadora, e de cultura educadora, devemos ser os primeiros defensores do nome nacional, os bandeirantes da nossa honra e os escoteiros do nosso resurgimento.

Ha dias, na linda festa civica do Tiro Rio Branco, um dos vossos, o meu velho e querido irmão Emilio Pernetta, disse estas bellas palavras: «Apesar das iniquidades, de todas as miserias e decepções, creio que o progresso humano, como a vida, não tem principio nem fim; o homem tem o direito de acreditar em tudo que idealiza e em tudo que sente; todos os sonhos são realizados». Sim! as grandes nações são filhas da crença e da vontade de seus pensadores. Nesta campanha nacionalista, venceremos, porque queremos vencer!

O Brazil será magnifico e immorredouro!

Na vida de todos os povos, como na vida de todos os homens, ha sempre syncopes e quedas. Mas nem sempre ha prenuncios de morte nesses desfallecimentos. Muitas vezes, a descaida é concentração e provisão de forças novas.

Dentro do vosso territorio maravilhoso existe um dos prodigios da natureza: o Salto das Sete Quedas. Em sete rebojos de espuma raivosa, em sete collapsos de desanimo, em sete precipitações de desesperação, a agua do Paraná desaba e rue, acordando com o seu formidavel rugido de agonia os écos de sete leguas do arredor... Mas essa agonia é

resurgimento! A toalha desabada do rio alarga-se, numa soberania conquistadora, banhando e fertilizando todas as florestas que margeiam a colossal vertente platina. As sete quedas do Paraná são sete milagres de energia e de generosidade...

Assim, também, cada queda da nossa nacionalidade é um natal glorioso. Ainda cascateamos, ainda nos despenhamos, e ainda concentramos o nosso valor. Mas o valle da promessa nos espera: e nelle desdobraremos toda a nossa grandeza victoriosa.

O Brazil será magnifico e immorredouro!



AOS ESTUDANTES DO PARANÁ

Na Universidade do Paraná.
Curitiba. 17 de novembro de
1916.

Carinhosamente acolhido no seio d'esta Universidade, agradeço a honrosa animação, que me é dada, nas consoladoras saudações que acabo de ouvir. Protestando a minha gratidão aos illustres professores d'esta Casa, peço-lhes venia para que as minhas palavras sejam especialmente dirigidas aos alumnos.

Quando me vejo entre os moços da minha terra, sinto-me precipitado, como por um milagre, fóra de mim mesmo e do tempo em que vivo, deslocado da minha idade, arrojado para uma época vindoura: já não me vejo no Brazil de hoje, ainda em formação confusa, mas no futuro em que elle viverá completo e glorioso.

Entre vós, moços do Paraná, ganho a vossa mocidade, tomo para mim a vossa esperança e a vossa coragem, e sinto em vós e em mim o Brazil de amanhã. Obrigado, pelo bem que me faz a vossa amizade; e sede bemditos, pela gloria que dareis á nossa Patria.

Permitti que vos dê alguns conselhos de amigo e de irmão mais velho. Não quero prégar-vos patriotismo, por que conheço, pelo nobre clarão que ha nos vossos olhos, o incendio de fé que lavra nas vossas almas. Desejo, porém, avisar-vos que o verdadeiro patriotismo

não deve ser impulsivo e cego: deve ser consciente e raciocinante; não deve ser feito sómente de crença e de orgulho: deve ser feito também de susto, de sobresalto, de cuidado, e de vigilancia.

A nossa vida actual está rodeada de riscos, que, de um momento para outro, podem assaltar-a. Para que sejam conjurados os riscos externos, é necessario que o corpo e a alma de cada brasileiro se armem de energia e de disciplina, afim de que a collectividade, cimentada de cohesão e de consciencia, fique immune de qualquer fraqueza, a salvo de qualquer investida de aventura. E para que se annullem os riscos internos, — insubordinação nacional, descrença e apathia, desmando de cubiça individual, desejo morbido de vencer e subir de pressa, amor exagerado do descanso e do conforto, declive perigoso da tranquillidade para o ocio e da facilidade para o luxo, — é necessario que os homens mais cultos do paiz, os directores do povo deem o exemplo do sacrificio e do desapego das ambições.

Quando entrardes na vida publica; moços de hoje, politicos de amanhã, praticae e ensinae a virtude maxima do homem: o desinteresse.

Foi por falta de desinteresse que muitos e muitos Brasileiros da minha idade, como eu, desertaram durante longo tempo o culto civico, e esqueceram pelo serviço quasi exclusivo da gloria individual e da commodidade propria o serviço sagrado da Patria. Foi por falta de desinteresse dos cidadãos e dos governos que o Brazil chegou a perder o antigo brilho e a força antiga, com que os nossos maiores o collocaram durante muito tem-

po na vanguarda de todos os paizes do continente.

O verdadeiro patriotismo, o patriotismo que deveis comprehender e cultivar, é, antes de tudo, a renuncia do egoismo.

Nada valemós por nós, individualmente. Valemós muito, e tudo, pela nossa communhão. Todos valemós, pelo bem que damos á Patria. Os poetas, que lavram as almas, e os politicos, que dirigem os povos, não valem mais do que os agricultores, que aram a nossa terra, e os pastores, que guardam os nossos gados.

Não vos orgulheis do fulgor da vossa intelligencia; mas contentae-vos da satisfação inteira que vos der o cumprimento do dever. A virtude é mais natural e mais bella do que o talento. A bondade é mais espontanea e mais fecunda do que a sabedoria. Nem todos os homens são capazes de ter genio; mas todos os homens são capazes de ter honra e misericordia.

Sede bons, fortes e justos; e abnegae-vos! Devemos todos fluir e desaparecer, com a nossa força e com a nossa abnegação, como os arrosios se perdem nos rios e como os rios se dissipam no oceano.

Quando desaparecermos da terra, nella ficaremos, não com os nossos nomes passageiros e com as nossas physionomias fugitivas, mas com o suor, o sangue, as lagrimas que tivermos deixado sobre este solo, e com os gestos de energia, os actos de nobreza, as palavras de justiça e de ternura que tivermos semeado sobre o grande seio da Patria, nossa mãe e nossa filha ao mesmo tempo, mãe pela

vida que nos deu e filha pelo amparo que recebeu do nosso esforço carinhoso.

Praticae e ensinae o desinteresse! O desinteresse é um machinador de milagres. Grandes almas, verdadeiras almas, são as abnegadas, que se annullam e dissipam em outras. A alma, que em parte se suicida na vibração de outras, desdobra-se e multiplica-se. D'esse desdobramento e d'essa multiplicação de corações altruistas é que nascem as grandes patrias.

Sede bons e justos! E sede, tambem, serenos, — para que possaes desprezar as injurias e as calumnias, com que os mesquinhos e os máus sempre procurarão deturpar o vosso pensamento, enlamear a vossa nobreza e infamar o vosso desprendimento!

Vivei, meus amigos, com o coração cheio de fé, com o cerebro cheio de luz, com o corpo cheio de saude!

Fugi da tristeza e das ambições pequenas; conservae a vossa alegria e a vossa modestia; e, quando ficardes tristes e desanimados, reagi, e inventae bom humor, animo, enthusiasmo, nova coragem e nova bondade, para que os vossos amigos se consolem com a vossa companhia e para que os vossos inimigos não se rejubilem com a vossa deserção.

Crede e esperae! Crer e esperar, é querer. Querer, é realizar.

Que Deus e a Patria vos protejam!

RELAÇÕES INTERNACIONAES

Ao Embaixador do Uruguay,
no Rio de Janeiro. 22 de de-
zembro de 1916.

Senhor Embaixador. Ha dois mezes, na fronteira meridional do Brazil, tive a fortuna de, num só momento, viver em duas patrias, pisando ao mesmo tempo a vossa terra e a minha, no sitio em que se tocam a cidade uruguaya de Rivera e a cidade brazileira de Sant'Anna do Livramento.

Ha sempre, nas raias das nações, quando duas cidades estranhas se entreolham, um espaço bem definido, assignalando a suspensão das duas soberanias: é, ás vezes, uma linha fortificada, apparelho bellico de trincheiras e taludes, de fossos e cortinas de muralhas; é, outras vezes, apenas, a defesa natural, o senhorio determinado por um accidente physico, um curso de agua, ou um desfiladeiro entre serras, ou um campo vago, ou um largo caminho ladeado de padrões ou vedado por barreiras levadiças. Não ha, porém, entre o Uruguay e o Brazil, na zona em que se assentam Rivera e Livramento, esse choque sensivel, essa lacuna apparente. Alli, — caso unico, talvez, na geographia politica, — as cidades não se separam, nem se distinguem: confundem-se; e, pelas duas cidades misturadas, os dois paizes não se em-

batem: integram-se. Passa por ali uma rua sem hiato, uma só arteria, que se embebe, para o sul, no territorio uruguayo, e se interna, para o norte, no torrão brasileiro; a mesma alameda amavel reparte o seu prestimo para as duas povoações: as janellas das casas uruguayas devassam os lares brasileiros, e a vida domestica dos nossos predios espia a intimidade dos penates do Uruguay. D'esta singularidade limitrophe resultam raridades sociaes. Na existencia d'essas duas cidades ha phenomenos, que lembram os da diffusão dos liquidos no dominio da physica. Estabelecem-se, assim, na divisa, correntes constantes de commercio, de familia, de costumes, — endosmose e exosmose, em que se baralham direitos de propriedade e residencia, e em que se combinam os distinctivos das duas raças, — a tal ponto, que até as duas linguas reciprocamente se tingem de fortes laivos de estrangeirismo, dando ao falar e ao escrever dos habitantes cerções um ar de novo dialecto, um pouco bárbaro, mas saboroso...

Ha dois mezes, visitando aquelle confini, procurei fixar-me no ponto preciso, em que acaba o Brazil e começa o Uruguay. A mesma paisagem risonha, aquem e além, seduzia o meu olhar, — os mesmos cerros e os mesmos campos, os mesmos plátanos, a mesma architectura das casas; além e aquem, o meu ouvido percebia o zoar do mesmo dizer, em que havia de mistura o quebro voluptuoso do castelhano e a harmonia grave e mascula do portuguez; abrindo os braços, eu podia abarcar num gesto as duas nacionalidades; e um dos meus pés calcava o solo que era meu, em-

quanto o outro se firmava sobre o chão alheio... Mas senti bem, naquelle momento, Sr. Embaixador do Uruguay, que aquelle chão alheio era tambem meu, tão amigo era o affago que elle dava ao meu pisar...

E tambem senti, então, quanto é bella e doce a paz entre as nações, e quanto ella é facil, quando, fortes e seguras de si mesmas, livres e modestas, querendo contentar-se com o que possuem, defendendo o seu direito e venerando o das outras, podem as nações fiar-se das outras, e umas das outras ennobrecer-se.

Deveis conhecer, Sr. Embaixador, e certamente conheceis o verdadeiro e sincero pacifismo do Brazil: qualquer quebra d'este proposito e d'este programma do povo brasileiro seria o desmentido de todas as suas tradições e uma aberração da directriz racional dos seus destinos. Mas paz é amizade: e não ha boa e solida amizade, que se não faça de affecto e de respeito; e não é possivel o respeito mutuo, quando não existe o respeito proprio, que nasce da consciencia da propria força. As nações pacificas, como a vossa e a nossa, quando se armam, querem apenas manter e desenvolver a sua saude propria, e apurar esse pundonor nacional, que é a garantia indispensavel para a concordia internacional.

Senhor Embaixador. Os quarteis da nossa extrema defrontam com os da vossa patria. Mas os canhões de ambas as guarnições querem, para sempre, apenas, reboar salvas e hymnos de amizade, e nunca vomitar vociferações de odio e nuvens de morte. Estas affirmações de amor, que já varias

vezes ouvistes do Governo do Brazil, é justo que ainda aqui as ouçaes, da alma brazileira, d'esta sociedade que vos olha com ternura, d'este povo que vos acolheu com entusiasmo. E acreditae que esta estima não é sómente nutrida, no Brazil, pela vossa patria, mas tambem pelas outras patrias americanas, e por todas as outras do mundo, que saibam e queiram respeitar-nos e amar-nos.

Esta saudação, porém, é especialmente dirigida á linda e admiravel nação que representaes.

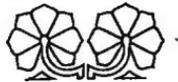
O Uruguay é lindo e admiravel, nos limites do seu pequeno territorio e na curta idade de sua vida de nação autonoma. O trabalho e a justiça, a força e a graça, o pensamento e a belleza, o heroismo e o ideal animam esse torrão bemdito. Montevidéo, que resume e retrata todo o paiz, é ao mesmo tempo um ninho e um baluarte, um sorriso e uma energia. Aquella metropole clara e alegre, intelligente e perfumada, cheia de frescos jardins e deliciosas vivendas, e famosa pela incomparavel formosura de suas flores e de suas mulheres, é aquelle mesmo reducto da liberdade e da bravura, refugio de opprimidos, que, durante mais de nove annos, resistiu ao cerco de uma tyrannia cruel...

O Brazil ama e admira, Sr. Embaixador, o vosso paiz; e, além dos motivos de verdadeira imparcialidade, que nos impõem este apreço, ha ainda alguma cousa, que nos obriga a este carinho: a frequencia dos actos de enternecedora cortezia e as claras demonstrações com que o povo uruguayo tem sabido comprehender e avaliar a estatura moral do nosso

grande Rio Branco. Rio Branco é, para nós, um patrimonio sagrado: quem enaltece o nome de Rio Branco encanta e captiva o coração do Brazil.

A minha voz não sae sómente da sociedade do Rio de Janeiro, aqui reunida: sae de todo o paiz, d'esta boa terra e d'este bom povo, que querem viver com a honra, prosperar pelo trabalho, enriquecer com a paz, fortalecer-se para a bondade, contemplando sem inveja o progresso alheio, applaudindo e abençoando todas as nacionalidades que prezam a sua liberdade e praticam a religião da justiça humana.

Desejo que esta embaixada leve esta saudação de todo o Brazil a todo o Uruguay, a todos os seus pensadores e agricultores, a todos os seus poetas e operarios, a todos os seus filhos illustres e humildes, que trabalham pela gloria da America e da Civilização.



A DEFESA NACIONAL

(Conferencia publica realizada no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul e no Paraná.)

Nesta conferencia não ha idéas novas, nem opiniões originaes. Vou expôr com franqueza e simplicidade, sem literatura, sem eloquencia, o que os bons livros ensinam, o que encontrei nos melhores estudos e ensaios sobre o assumpto, e o que está na consciencia de todos os homens de cultura moral, de patriotismo e de boa fé. Sendo este um trabalho de vulgarização e devendo ser apertado em poucas paginas o thema, evito citações e notas de bibliographia; lealmente declaro que a minha exposição é um mosaico de contribuições de diversas procedencias, adaptadas ás condições especiaes do nosso meio.

Desejo compendiar, numa linguagem singela, os intuitos da Liga da Defesa Nacional, que fundámos, e pretendo definir o que é «a defesa nacional». E não sei se conseguirei dar com bastante clareza esta definição. O problema é immenso e complexo. Já disse, na sessão da installação da Liga, que a defesa nacional é tudo para a nação: «E' o lar e a patria; a organização e a ordem da familia e da sociedade; todo o trabalho, a lavoura, a

industria, o commercio; a moral domestica e a moral politica; todo o mecanismo das leis e da administração; a economia, a justiça, a instrucção; a escola, a officina, o quartel; a paz e a guerra; a historia e a politica, a poesia e a philosophia; a sciencia e a arte; o passado, o presente e o futuro da nacionalidade.» Para tudo isto definir e explicar, seria indispensavel um longo e completo curso de conferencias. Vou apenas indicar os pontos geraes do problema, e gryphar sómente algumas linhas.

A defesa nacional, como a queremos comprehender, não está organizada. Está claro que, se queremos organizal-a desde já, não é porque vejamos, sobre o nosso paiz, perigos *immediatos*. Mas a boa e verdadeira defesa deve ser preventiva. Se não ha perigos immediatos que nos cerquem, ha incontestavelmente sempre perigos latentes, proximos ou remotos, provaveis ou ao menos possiveis, que ameaçam constantemente todas as nacionalidades, ainda as mais solidas, fortes e armadas: nada é perfeito nem eterno, na contingencia da vida humana. Se este dever de defesa é imprescindivel para as nacionalidades mais bem organizadas, — mais imperiosas e mais urgentes devem ser a sua consciencia e a sua necessidade para o Brazil, paiz novo, agitado por um confuso e melindroso labor de formação, pobre de trabalho bem encaminhado, pobre de recursos bem explorados, pobre de instrucção primaria, profissional e civica, pobre de cohesão, pobre de culto patriotico. Rodeiam-nos perigos externos e internos: e todos elles ameaçam a nossa independencia e a nossa união. Se queremos vi-

ver, e viver com fartura, liberdade e honra, é necessario que nos defendamos.

Ha pouco mais de dois annos, na Europa, quasi todos os homens de pensamento acreditavam que a guerra, naquelles tempos de intensa e nobre propaganda de pacifismo, seria um sonho de realização impossivel, um absurdo pesadelo. Os factos desencantaram esta esperanza. Toda a Europa está ensopada em sangue. Rasgaram-se tratados, annullaram-se convenções e amizades, violaram-se fronteiras, talaram-se campos, arrazaram-se cidades, aniquilaram-se patrias. Milhões de lares estão desertados e enlutados... Como se desencadeou esta guerra, e como se desencadearam todas as outras guerras que já ensanguentaram a Terra? Por amor da gloria, por amor da fama, ou apenas por simples e barbaro instincto sanguinario? Não, de certo. O que está convulsionando o mundo é o amor da conquista de terras e de mares, o amor da expansão do commercio, o amor do interesse utilitario. E poderemos acreditar que o Brazil, este immenso paiz de solo fertil e de ricas entranhas, ainda despovoado e desarmado, fique sempre, graças ao acaso, ou ao beneficio da Providencia Divina, immune de qualquer investida da ambição ou da necessidade commercial? Tal é o perigo externo, proximo ou remoto, sempre possivel. O outro perigo, imminente, o interno, é a quebra da unidade: o depauperamento do character, o definhamento do patriotismo consciente, a mingua de instrucção, o accumulo dos erros das más administrações, o imperio das cubiças individuaes, e a triste indifferença em que vegeta a maior parte da população.

Impõe-se a defesa. Defendamo-nos!

Quem quer viver defende-se. Que é a vida, senão um constante combate? Todo o organismo, que se não defende, enfraquece-se e elimina-se. De modo que a idéa da defesa é inseparavel da idéa da vida. Sendo a luta uma condição essencial biologica e social, tambem essencial é a condição da defesa. Este dever defensivo é primordial em todos os entes vivos. Todos nós, homens e plantas, pedras e insectos, astros e microbios, todos nós nos defendemos, porque queremos viver. Não sabemos porque nascemos, vivemos e morremos; não sabemos de onde vimos, nem sabemos aonde vamos. Mas, já que nascemos, é necessario que vivamos, é necessario que não morramos antes do tempo, estupidamente, sem proveito e sem belleza.

Consciente ou inconsciente, raciocinante ou instinctiva, esta protecção propria é uma lei irrevogavel, para o mineral, para o vegetal, para o animal, para o homem, para a familia rudimentar, para o acampamento nomade, para a tribu elementar, para a sociedade organizada.

Assim, a defesa nacional é apenas a continuação, o corollario da defesa individual. Tudo, neste dever, se resume. A principio, nos mais baixos degráos da escala animal, a conservação é unicamente physica: o organismo, governado pela fome, defende-se, e, para defender-se, ataca. Mas, á medida que se ascende a maravilhosa série dos elos da corrente, a dignidade e a poesia, a nobreza moral e o brio fortalecem e espiritualizam o esforço. Já não é sómente a conservação que se defende. De-

fende-se tambem a honra. A nação não se arma unicamente para proteger a sua alimentação collectiva, as suas searas, as suas usinas, os seus negocios, os seus gados, os seus celleiros; arma-se tambem, para proteger o seu territorio, a sua possessão material e moral, a memoria dos seus maiores, a religião dos seus lares e dos seus templos, as reliquias das suas tradições, o thesouro da sua lingua e da sua poesia, o culto do seu passado, o seu nome de nação. Desgraçado o animal inferior ou superior, que não pode defender e conservar a sua nutrição! E desgraçado o paiz, que não pode defender e conservar a sua liberdade e o seu trabalho, e, com a sua liberdade e o seu trabalho, a sua honra!

Como deve ser a defesa, no individuo e na collectividade, em todo e qualquer organismo vivo? «A defesa, para ser proficua, deve ser diligente, attenta, resistente, vigilante e progressiva. Deve ser diligente: o oçio é a estagnação; a preguiça é um declive fatal para a morte. Deve ser attenta: um minuto de descuido póde acarretar um desastre irremediavel. Deve ser resistente: a resistencia fortalece o organismo que se defende, e enfraquece o outro organismo que ataca. Deve ser vigilante: um minuto de atrazo na conservação propria é um adeantamento para a conservação alheia; a vida é curta, e todos os momentos da sua duração são preciosos. E, emfim, deve ser progressiva: quem pára, morre.»

Ora, não ha organismos inferiores ou superiores, individuaes ou sociaes, incapazes de força, de defesa e de progresso. Todos os phy-

siologistas e sociologistas professam que todos os organismos vivos, — indivíduos e sociedades —, possuem sempre uma energia propria, pequena ou grande, fraca ou forte; e todos elles têm a tendencia natural para alcançar o maximo do producto ou rendimento da sua propria energia. Para alcançal-o, como? Pela educação methodica, e progressiva, pela gymnastica physica e moral. O individuo alcança facilmente o maximo da sua força e da sua destreza, pelo treno. Para que se faça o adestramento do organismo social, é preciso que todos esses maximos individuaes não se percam egoisticamente. E' necessario, para o bem commum, que todos esses esforços propios e aperfeiçoamentos pessoaes se conjuguem para o esforço geral, para o aperfeiçoamento da communhão. O melhoramento de cada um deve ser uma parcella do todo. Assim, pela cohesão, pela unidade, pelo civismo, se faz a defesa nacional.

Insistamos. Não ha homens irremediavelmente fracos, e não ha povos irremediavelmente fracos. Em certos pontos do Brazil, — em muitos pontos, infelizmente! — o aspecto do homem do sertão é miseravel e triste: corpo emmagrecido, pelle sem cor, arterias sem sangue, olhar apagado, organismo depauperado, alma sem força, vontade abolida, cerebro sem luz. E' uma sombra de homem. Por que? porque esse homem não se alimenta, não trabalha, e não pensa. Um punhado de farinha, a aguardente, o tabaco, a ociosidade não dão musculos, sangue, vontade, consciencia. A má alimentação, má e pouca, o alcool, os narco-

ticos, a inercia, a apathia não fazem homens: fazem automatós, espectros, nada. Mas dae a esse homem fraco e desanimado uma boa alimentação, trabalho, exercicio, instrucção, — e elle será tão bom como qualquer dos homens mais fortes das mais fortes nações do mundo. Será um ente nobre e consciente, forte e valente, honrado e generoso, — e, no momento necessario, um heroe. Dizem que no Brazil não pode viçar uma nacionalidade perfeita, porque não temos uma raça já acabada e um clima excellente... Não acrediteis no que dizem esses pobres professores de uma sciencia falsa, maniacos do feiticismo scientifico, que é mais ridiculo e mais funesto do que o fanatismo religioso. Essas invenções de influencia de meio, de clima, de raça, são todos os dias desmentidas pela evidencia dos factos e dos acontecimentos. Todas as raças são boas para o trabalho e para a felicidade; todos os climas são bons para a cultura humana; todos os meios são bons para o exercicio do pensamento e da vontade. Attendendo ao caso particular do Brazil, lembremos que foram os nossos mestiços que, em grande parte, na época colonial, fizeram a exploração e a defesa do territorio do paiz: e, durante a época do Imperio, sustentaram com a sua bravura e o seu sangue as guerras do sul; e, ainda agora, estão desbravando as regiões brutas do Acre... Poderemos acreditar que esta mistura de raças seja incapaz? Quanto ao clima, lembremos que as zonas tropical, sub-tropical e temperada da Terra, em que está situado o territorio do Brazil, são as mais aptas para o desenvolvimento e para a felicidade da especie humana.

A sciencia, a hygiene, a medicina, a bacteriologia, já descobriram o preventivo e a cura de todas as doenças tropicaes e intertropicaes. Poderemos acreditar que, neste clima, o nosso povo seja incapaz de engrandecer-se e ennobrecer-se?

E, se não ha no Brazil hostilidades naturaes insuperaveis, de raça e de clima, que não possam permittir o nosso progresso, — também não houve no decorrer da nossa vida nacional erros sem remedio, nem crimes sem perdão, que tenham inquinado para sempre a nossa historia. Ao contrario, a nossa historia é limpa e nobre. Emquanto o Brazil foi colonia, os brazileiros de então foram sempre bravos e leaes. Quem expulsou d'aqui os francezes e os hollandezes? os libertadores da colonia foram, em sua maior parte, brazileiros legitimos, nascidos e criados aqui, asseguradores do dominio portuguez. A nossa independencia não foi adquirida á custa de traições nem de crueldades: nunca se viu, em terras americanas, uma luta pela autonomia nacional menos ensanguentada, menos brutal, do que a que sustentámos. As guerras, que mantivemos depois da independencia, nunca as movemos por delirio de grandezas, nem por interesseiras cubiças: o nosso povo, em lutas externas, derramou o seu sangue apenas para libertar e desopprimir outros povos. E, quanto ás nossas lutas intestinas, se as cotejarmos com os longos e terribéis abalos civis que perturbaram todos os outros paizes da America, é força proclamar com orgulho que ellas não passaram de curtos e quasi inoffensivos accidentes da nossa historia.

A nossa unica mancha foi a escravidão. Mas, como Brasileiros, não podemos envergonhar-nos de uma culpa que não foi nossa. Aceitámos, sem remedio possivel, essa desgraçada fatalidade; e, quando pudemos debellal-a, a redempção foi instantanea e radical. Ai de nós! o nosso erro e o nosso crime não foi, em si mesma, a escravidão. O nosso erro e o nosso crime foi a incapacidade dos governos, não permittindo que, libertando a raça martyr, lhe déssemos immediatamente a assistencia da instrucção e a organização do trabalho... Mas isso pode ser, e ha de ser, se o quizermos, resgatado e reparado. Nunca é tarde para distribuir a justiça e para praticar o bem. E, se estamos aqui, se aqui nos esforçamos, é justamente para isso que trabalhamos.

Repitamos. Todo o Brasileiro pode ser um admiravel homem, um admiravel soldado, um admiravel cidadão. O que é preciso é que todos os Brasileiros sejam educados. E o Brazil será uma das maiores, uma das mais formidaveis nações do mundo, quando todos os Brasileiros tiverem a consciencia de ser Brasileiros.

Para isto, organizemos desde já a defesa nacional.

Para a defesa nacional, a cohesão é indispensavel, a disciplina é imprescindivel. A verdadeira defesa nacional é a consciencia nacional. E' a noção perfeita, é a perfeita existencia da Patria.

Ha homens sem patria. Ou, pelo menos, ha homens que se dizem sem patria. São monstros moraes, ou, no melhor caso, gracejadores levianos. E' possivel que um homem normal e digno possa negar a necessidade da

idéa da patria? E' possível que um homem de boa fé, nestes duros tempos de desenfreada guerra desgraçando todo o mundo, possa acreditar na possibilidade de uma perfeita harmonia entre todos os povos da terra?

«Os sem patria dizem que não são cidadãos de uma patria, porque preferem ser cidadãos da humanidade. Ennevoada e empolada expressão, vasia de sentido! Ridicula e estúpida profissão de fé, oca de significação! Onde está essa sonhada confederação dos Estados do mundo, ou sequer dos Estados da Europa? A utopia é bella; mas, para que a aceitemos, é necessario que ella se realize. E porque não querem os inimigos do patriotismo levar a sua theoria ao extremo? Em vez de dizer: «somos os cidadãos da Terra!», devem dizer: «somos cidadãos do nosso systema planetario!», ou, «somos cidadãos do Universol». Foi talvez o grande Kant quem pela primeira vez agitou esta formosa ficção da confederação do mundo. Mas, depois de sonhar a utopia, Kant escreveu textualmente: «Um dia virá, seguramente, em que se constituirão os Estados Unidos da Europa; porém, até essa bemdita época, todo o povo deve ter a sua mão sobre o punho da espada; senão, elle se arriscaria a desaparecer antes do grande dia.»

Negar a patria é negar toda a vida social e moral. A patria é um élo, que se liga, intermediariamente, com estes dous outros élos: a familia, e a humanidade. Negar um dos anéis, é negar os outros. Quem não concebe a idéa da patria não concebe a do lar, nem a da solidariedade humana. Sem patria e, portanto, sem familia e sem sociedade, o homem annulla-se.

Que é a patria? «E' a paridade de gostos e de costumes, communitade de lingua, cohesão de leis, identidade de condições phisicas e moraes, participação das mesmas lembranças e das mesmas esperanças.» Quem não comprehende nem sente esta tendencia e esta necessidade moral não tem alma.

Para que haja patria, é necessario que haja consciencia, cohesão e disciplina. Mas, para que isto exista, é necessario que haja instrucção, intensa e extensamente disseminada, facil e gratuitamente distribuida, constante e sabiamente dirigida. Não trato de instrucção secundaria e superior. Trato apenas da instrucção elemental, d'aquella que se deve dar a todos os homens do povo, com a hygiene do corpo e da alma, e com a capacidade para trabalhar e viver, se não com fartura, ao menos com o necessario e a dignidade. Com a hygiene do corpo e da alma, a instrucção primaria, civica e militar; com a capacidade para o trabalho, a instrucção profissional. E' necessario, emfim, para que haja patria, que haja cidadãos.

Mas, que é «cidadão»?

«Ha na multidão das criaturas humanas, que povoam um paiz, quatro categorias, progressivamente restrictivas: 1, todos os habitantes ou residentes, englobadamente comprehendidos; 2, entre os habitantes, os homens adultos, que já têm a idade e a capacidade juridica, tendo o direito de voto; 3, entre os homens adultos, aquelles a quem chamaremos verdadeiramente «homens», isto é, aquelles que já chegaram a um certo gráu de desenvolvimento intellectual, com a consciencia da sua

razão, dos seus direitos e dos seus deveres; e, emfim, 4, entre os verdadeiros «homens», os «cidadãos», aquelles que, investidos de completa cultura intellectual e moral, tendo elevação de espirito, sendo capazes de sobrepor-se aos interesses proprios, aos interesses partidarios de classe ou de campanario, podem destinar-se á sagrada missão de governar e dirigir a multidão.»

No Brazil, quantos verdadeiros cidadãos, neste limitado e rigoroso sentido, existirão?

Nem façamos o calculo! Para que nos encha de tristeza e de terror o espectaculo moral da nossa educação, basta que verifiquemos a formidavel percentagem dos nossos «não-homens», dos nossos analphabetos e inconscientes. As ultimas estatisticas organizadas sobre a instrucção dão desanimo e desesperação: em todo o Brazil, de 1.000 habitantes em idade de cursar escolas primarias, em 1907, sómente 137 estavam matriculados, e sómente 96 frequentavam as aulas; para 10.000 de todas as idades havia sómente 6 escolas, com 7 professores, com 294 alumnos de todas as idades,—o que quer dizer que englobadamente, estimando-se toda a população, a relação de todos os alumnos era de 29 por 1.000. Quanto á instrucção profissional, propriamente dita, destinada a fins artistico-liberaes, artistico-industriaes, agronomicos, nauticos e commerciaes, havia apenas no Brazil 75 institutos! Reparae bem: a Directoria Geral de Estatistica, em documento official, acaba de declarar que, em materia de analphabetismo, isto é: em materia de incapacidade civica e moral, de inconsciencia, de animalidade vergonhosa, a nossa patria

está superior a quasi todas as nações da Europa e da America. Se é que pode haver alguma superioridade na vergonha e na ignominia!

Não podemos mais perder tempo. Estamos sendo arrastados para a ruina. Defendamo-nos!

E' inconcebivel a victoria de uma democracia sem a instrucção da massa publica. Estabelecemos a Republica; mas pode viver dignamente uma Republica, uma patria republicana, quando a maior parte dos seus filhos seja de analphabetos, e, portanto, de inconscientes? Incluimos no numero das nossas datas nacionaes o «14 de julho». Mas esquecemos que a Assembléa Constituinte Franceza, em 1789, na «Declaração dos Direitos do Homem», proclamou: «A instrucção é uma necessidade para todos; a sociedade deve favorecer os progressos da razão publica, e pôr a instrucção ao alcance de todos os homens.»

E' este, do nosso programma, o ponto primeiro, que devemos resolver para a nossa defesa nacional. E, com a instrucção primaria, a instrucção profissional. Segundo ponto. Estamos ainda soffrendo, e cruelmente soffrendo, d'esta imprévidencia dos nossos maiores, imprevidencia herdada, e aggravada pela indifferença, pelo egoismo e pela funesta politicagem das ultimas gerações e da actual: a falta de organização do trabalho. Mas não é tudo, isso. A instrucção não é completa, quando se refere unicamente á sciencia e á arte, á intelligencia e ao trabalho. São indispensaveis tambem a saude do corpo e da alma, a força corporal e a disciplina. Terceiro ponto: a instrucção militar.

Precisamos de instrução militar e de exercito nacional, para a defesa do nosso territorio e da nossa civilização, e para a defesa individual do organismo physico e moral de cada Brasileiro. Precisamos de exercito nacional, mas não do exercito nacional que hoje temos: queremos um exercito verdadeiramente nacional, sendo a propria nação composta de cidadãos-soldados, em que cada Brasileiro seja o proprio exercito e o exercito seja todo o povo.

Todos têm medo do militarismo, no sentido da preponderancia da classe militar, na significação de despotismo militar. Tenho tambem medo d'isso, e mais do que medo: profundo horror e profunda aversão. Mas as condições essenciaes para a existencia de qualquer despotismo são a ignorancia e a indifferença da massa do povo. Não ha povo nenhum, instruido, civica e militarmente instruido, que suporte qualquer despotismo. Quando o nosso Exercito fôr verdadeiramente nacional, não haverá no Brazil classe militar. Não queremos ter um exercito mercenario ou assoldado, o que diminue o valor do soldado e da nação. Não queremos tambem pouco um exercito propriamente profissional em toda a sua hierarchia, profissional desde o general até o soldado raso. Queremos um exercito democratico de defesa nacional. Queremos que não haja soldados profissionaes; ou, melhor, que haja unicamente alguns profissionaes, os officiaes de investidura profissional, os que sejam sacerdotes fardados, os educadores, os professores normaes do grande exercito sem profissão militar. Profissionaes de-

vem ser os directores do quartel democratico e livre, e essa profissão deve ser cercada de todo o prestigio, de toda a garantia, e de um character sagrado. Medo do militarismo? mas quando todos os cidadãos forem soldados, ninguem terá medo de soldados; porque seria infantil e irrisorio que todos os cidadãos tenham medo de si mesmos, das sombras de si mesmos.

O nosso sonho, o nosso desejo será isto, que espero, será uma realidade. O exercito nacional será um laboratorio de civismo: uma escola de humanidade, dentro do patriotismo; uma escola de energia social, começando por ser uma escola de energia nacional. Ambicionamos que todos os Brasileiros passem pelo quartel, revezando-se; que cada um dê ao menos um anno da sua vida ao serviço da vida da patria. E não queremos sómente o quartel. Queremos que dentro de cada quartel haja uma aula primaria; e que ao lado de cada quartel haja uma aula profissional. Ao cabo do seu tempo de aprendizado civico, cada homem será um homem completo, um cidadão, com a sua intelligencia adestrada, com a sua capacidade armada para o trabalho, com a sua consciencia formada, com os seus musculos fortalecidos, com a sua alma ennobrecida. No quartel, cada homem encontrará a sua completa cultura indispensavel.

O que é preciso é que esses homens encontrem no quartel officiaes dignos, capazes, entusiastas, moços, ardentes, que sejam exclusivamente officiaes, isto é: educadores e disciplinadores, adorando a sua profissão, li-

mitando toda a sua energia e a sua fé ao exercicio da sua missão, unicamente officiaes e essencialmente Brasileiros, afastados das lutas partidarias, religiosas ou politicas, porque qualquer partidarismo diminue o valor moral do official...

Creio, senhores, que o que já disse basta para que fique demonstrado que não sou militarista, e que não somos militaristas todos os que fundámos a Liga de Defesa Nacional. E é bom ainda que categoricamente affirmemos que somos pacifistas, sinceramente pacifistas.

Que motivo — que ambição de gloria ou de conquista, de expansão territorial ou commercial, de necessidade ou de orgulho, poderia arrastar-nos á guerra? Toda a nossa historia attesta o pacifismo do Brazil até hoje. E a directriz racional da nossa vida indica e impõe o pacifismo do Brazil no futuro. O maior homem da vida contemporanea brasileira, o Barão do Rio Branco, que sempre amou as nossas tradições militares, e sempre defendeu a necessidade da nossa força militar, foi um ardente e irreductivel pacifista. Foi elle quem definiu com tratados de precisão geographica os nossos limites territoriaes e com tratados de amizade, de extradicação e de commercio as nossas relações politicas com a maior parte dos paizes da America e da Europa. Quem ideou e executou esta obra de paz não podia deixar de ser um pacifista. Queremos ser pacifistas como Rio Branco. Apoiaremos e defenderemos sempre o artigo da nossa Constituição, que impede toda e qualquer velleidade de conquista. Sim! Sejamos e seremos pacifistas, e contrarios a

tendencias para guerras *offensivas*. Mas preparemos e aceitemos com calma e com força toda e qualquer guerra *defensiva*, que possivelmente nos seja imposta. O pacifismo é sagrado e nobre. Mas que o pacifismo não seja a ausencia da honra, a abolição do brio! A guerra é um mal, um mal horrivel, um mal abominavel. Mas, quando a guerra é «um facto», como poderemos dissipal-a deante de nós? Antes a guerra, do que a perda da independencia e a perda da dignidade!

Agora, um reparo. Para que haja patria, disse eu, é necessario que haja unidade, e cohesão. Dentro d'esta necessidade, é claro, podem entrar todos os credos politicos e religiosos. Só não pode entrar aqui a absoluta e absurda ausencia de todo o credo... Quando falamos do Brazil, falamos do Brazil superior a todos os partidos: do Brazil só e puro, essencial e integro, abstracto e concreto, sagrado e indiviso; o Brazil acima, além, fóra das opiniões individuaes ou de facções. Pessoalmente, sou republicano, fundamentalmente republicano. Mas respeito as opiniões de todos os sinceros. Podem os meus irmãos ser monarchistas, republicanos, conservadores, liberaes, radicaes, unitarios, federalistas, parlamentaristas, catholicos, protestantes, positivistas, livres-pensadores — comtanto que não quebrem, com a anarchia e a violencia, a unidade da familia e a indispensavel existencia da Patria. Degladiem-se os partidos! mas que o Brazil fique acima da peleja; que a bandeira fique superior ás taboletas das facções! Sejam todos os Brasileiros sinceros e patriotas: é quanto basta. Só não

comprehendemos nem aceitamos os anarchistas sem fé, os negativistas da necessidade da patria, os ironistas sem piedade, os motejadores sem consciencia, os egoistas de ignobil «arri- vismo». Venham para nós todos os Brasileiros que sintam dentro dos seus peitos o Brazil! A grande Patria aceita todos os credos: só não aceita os que em nada creem.

Senhores, o que deixo sem ser dito, nesta conferencia, é todo um mundo de idéas. Depois de mim, outros prégadores da boa palavra, mais fortes e mais felizes do que eu, esgotarão o assumpto.

Separemo-nos hoje, com a mais viva esperanza da conquista completa e fulgurante do que procuramos emprehender e realizar: o ideal de uma patria altiva e unida, povoada de cidadãos modestos e dignos, homens bravos e generosos, briosos e justos. Sejamos fortes, para que sejamos bons: de modo que o Brazil, sendo já uma maravilha do mundo pela sua formosura natural, venha ser uma gloria da civilização humana, pela sua ordem, pela sua energia, e pela sua misericordia.



INDICE

	PAGS.
Em marcha !.....	3
O Cancro.....	11
Ao Exercito Nacional.....	17
A' Marinha Nacional.....	29
Na Academia das Sciencias de Lisboa.....	37
Aos homens de letras de Portugal.....	47
Aos Estudantes Mineiros.....	59
Os Escoteiros.....	65
A Liga da Defesa Nacional.....	75
Ao Rio Grande do Sul.....	79
Ao povo Rio-grandense.....	85
/O Negrinho do Pastoreio.....	89
Aos Estudantes do Rio Grande do Sul.....	95
O Exercito e a Politica.....	103
A Lingua Portugueza.....	109
Aos Estudantes do Paraná.....	115
Relações Internacionaes.....	119
A Defesa Nacional.....	125



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).